



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KEILA DE SOUSA LEITAO

**SÍNDROME DE *BURNOUT*: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES
ENVELHESCENTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UFT**

**PALMAS-TO
2020**

KEILA DE SOUSA LEITÃO

**SÍNDROME DE *BURNOUT*: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES
ENVELHESCENTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UFT**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Professora Doutora Denise de Barros Capuzzo

Coorientadora: Professora Doutora Rosilene Lagares

**PALMAS-TO
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L533s Leitão, Keila de Sousa .
 SÍNDROME DE BURNOUT: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES
 ENVELHESCENTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO . / Keila de
 Sousa Leitão. – Palmas, TO, 2020.
 70 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Palmas - Curso de Pedagogia, 2020.
 Orientadora : Professora Doutora Denise de Barros Capuzzo
 Coorientadora : Professora Doutora Rosilene Lagares

 1. Síndrome de Burnout. 2. Professores Universitários. 3. Aspectos
 estressores. 4. Envelhecimento. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KEILA DE SOUSA LEITÃO

**SÍNDROME DE *BURNOUT*: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES *ENVELHESCENTES*
DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUDACAÇÃO DA UFT**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 26/ 06 / 2020

Banca Examinadora



Profa. Dra. Denise de Barros Capuzzo, Orientadora,(UFT)



Profa. Dra. Rosilene Lagares, Coorientadora,(UFT)



Profa. Dra. Jocyleia Santana dos Santos, (UFT)



Profa. Msc. Kely Rejane S. dos Anjos de Carvalho, (IFTO)

PALMAS-TO, 2020

*Aos meus companheiros incansáveis, esposo
Deusimar Martins de Sousa e filho Nicolás
Martins Leitão, pelo carinho e apoio durante
esses quatro anos de curso, pois não mediram
esforços nem olharam para as dificuldades,
não se incomodaram de passar noites e mais
noites sentados nos corredores da UFT, sem
vocês seria impossível chegar onde cheguei.
Portanto dedico a vocês todo o sucesso, todas
as batalhas que venci.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela dádiva da vida, e por ter me ajudado a continuar de pé nos momentos mais difíceis;

A meu filho e esposo, que sempre estiveram comigo;

Agradeço a toda minha família, por acreditar e torcer tanto por mim, e ao mesmo tempo respeitarem meus momentos de *nerd*, com meu computador sempre ligado;

Aos colegas da turma Pedagogia 2016/1, que compartilharam estes longos anos comigo;

A minha amiga especial, que a Pedagogia me deu elevarei para a vida, Idelma Caetano, pelo apoio nos momentos de tensão, alegria, preocupação, enfim, por acreditar mais em mim do que eu mesma;

Aos professores, que dedicaram tempo e compartilharam suas experiências para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, em especial a minha orientadora Professora Doutora Denise de Barros Capuzzo, à senhora meu carinho e agradecimento;

A minha Tutora do PETPedPalmas, Professora Doutora Rosilene Lagares, pelo apoio, carinho, incentivo e por compartilhar seus conhecimentos colaborando para que eu me torne uma profissional ética e humana;

Aos meus companheiros do PETPedPalmas, pelo apoio e, principalmente, pela torcida;

A equipe da Educação Infantil do SESC, em especial a Professora Maria Medeiros, que tão gentilmente me receberam, me acolheram e contribuíram com minha formação;

Aos participantes da pesquisa que gentilmente doaram seu tempo para que eu pudesse viabilizar este trabalho, demonstrando seu comprometimento com o avanço do conhecimento científico e com a formação de novos pesquisadores;

A Olívia Amaral e Renato Jayme, que eram meus chefes durante quase metade do curso, pelo apoio, por nunca me negarem a oportunidade de estudar, ainda que eu precisasse deixar algum trabalho para depois;

Enfim... a todos que direta ou indiretamente fazem parte da minha história de vida e, principalmente, da minha trajetória acadêmica. MUITO OBRIGADA!!!!!!!!!!

RESUMO

Abordando o tema Síndrome de *Burnout*, objetivou-se identificar se os Professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins, do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar à Síndrome de *Burnout*. Elegeu-se como método, para esta pesquisa, o Materialismo histórico dialético, adotando metodologia de abordagem qualitativa. Para a coleta dos dados e informações, realizou-se revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Para tanto, utilizou-se como instrumento entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa professores *envelhescentes*, entre 45 e 60 anos de idade. A análise dos dados e informações foi feita por meio de análise de conteúdo. De acordo com os dados coletados e analisados, observou-se que, estes professores *envelhescentes*, muitas vezes se percebem com características que podem levar ao *burnout*, principalmente quando observam a desvalorização social, política e econômica da categoria. Percebeu-se também, que o envelhecimento não é por si só um dos estressores desencadeantes desta síndrome, no entanto, se este envelhecimento não for vivido de forma coerente, com cuidados da saúde e da mente, pode vir a se tornar um fator de adoecimento, visto que este é um momento que ocorrem muitas mudanças, tanto físicas/biológicas quanto sociais. As alterações físicas são visíveis, desde o nascimento, mas como cada um vivenciará este processo depende de seu contexto social e econômico. Desta forma, destaca-se a importância de mudanças por parte do Estado, das instituições e do próprio professor, para que se minimizem as consequências tanto das exigências do mercado de trabalho, que geram estressores desencadeantes do *burnout*, quanto das mudanças geradas pelo processo de envelhecimento, que são inevitáveis, mas não precisam ser adoecedoras.

Palavras-chaves: Síndrome de *Burnout*. Professores Universitários. Aspectos estressores. Envelhecimento.

ABSTRACT

Addressing the theme of Burnout Syndrome, the objective was to identify whether the aging Teachers of the Federal University of Tocantins, from the Pedagogy course, working in the Graduate Programs in Academic and Professional Education, perceive themselves in the face of the characteristics that can lead to the Syndrome of Burnout. Dialectical historical materialism was chosen for this research, adopting a qualitative approach methodology. For data and information collection, a bibliographic review and field research were carried out. For this, semi-structured interviews were used as an instrument. Aging teachers between 45 and 60 years old participated in the research. The analysis of data and information was done through content analysis. According to the data collected and analyzed, it was observed that these aging teachers often perceive themselves with characteristics that can lead to burnout, especially when they observe the social, political and economic devaluation of the category. It was also noticed that aging is not in itself one of the stressors triggering this syndrome, however, if this aging is not experienced in a coherent way, with health and mind care, it can become a factor of illness, since this is a time that many changes occur, both physical / biological and social. Physical changes are visible from birth, but how each person will experience this process depends on their social and economic context. In this way, the importance of changes on the part of the State, the institutions and the teacher himself is highlighted, in order to minimize the consequences both of the demands of the labor market, which generate stressors that trigger burnout, and of the changes generated by the process of aging, which are inevitable, but need not be sickening.

Key-words: Burnout syndrome. University Professors. Stressful aspects. Aging.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CID – Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

OMS – Organização mundial da Saúde

MBI – *Maslach Burnout Inventory*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM PROFESSORES	16
1.1 TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: FLEXIBILIZAÇÃO, PARA QUEM?.....	16
1.1.1 Trabalho de professores universitários e suas implicações.....	18
1.2 SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> :DEFINIÇÕES E ESTRESSORES.....	22
1.2.1 Síndrome de <i>Burnout</i> em professores: como se apresenta.....	27
2 ENVELHECIMENTO: PROCESSO OU PROBLEMA	31
2.1 ENVELHECIMENTO FÍSICO/BIOLÓGICO	31
2.1.1 Envelhecimento físico: alterações corporais	33
2.2 ENVELHECIMENTO SOCIAL	34
2.2.1 <i>Envelhescente</i>: uma definição para meia-idade	37
3 A PESQUISA: O DESVELAR DA IDA À CAMPO	41
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	41
3.1.1 Participantes da Pesquisa.....	41
3.1.2 Procedimentos para coleta e análise dos dados e informações.....	42
3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
3.2.1 Categoria trabalho.....	43
3.2.2 Categoria Síndrome de <i>Burnout</i>.....	46
3.2.3 Categoria envelhecimento	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES	63
ANEXO	67

INTRODUÇÃO

A profissão docente, de acordo com Carlloto (2002), sofreu várias mudanças ao longo dos tempos, indo desde uma profissão de fé, ligada às concepções da igreja, até o que se vê hoje, um profissional de certo modo moldado pelas exigências do capitalismo que adentrou os sistemas de ensino. Todas essas mudanças no âmbito da carreira docente só aumentaram as exigências feitas ao professor que “neste processo, se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios, que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações.”(CARLLOTO, 2002, p.23)

Quando se trata do professor universitário, é necessário observar as exigências feitas a ele. Visto que, além de atuar em sala de aula colaborando no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, deve atentar-se para o tripé da educação, em especial da educação superior que é: o ensino, pesquisa e extensão. Além de lidar com os alunos da graduação, da pós-graduação, precisa produzir textos para publicações, seja de forma individual, seja orientando alunos.

Ademais, este professor deve estar em constante formação, buscando se atualizar com as novas produções de conhecimento, bem como das notícias cotidianas. Uma vez que, além de conviver em sala de aula com várias pessoas, com níveis de formação diferentes, afetando consequentemente o processo de ensino, ainda tem suas inquietações pessoais e sociais, gerando mais atribuições e atividades, tornando sua carga de trabalho, muitas vezes, excessiva e esgotante.

Aliados a essa jornada exorbitante, há outros fatores, como limitações, sejam físicas, emocionais, sociais, entre outras, decorrentes da desvalorização da categoria, da indisciplina dos alunos, e ainda as nuances decorrentes do envelhecimento que inevitavelmente trazem algumas “mudanças físicas em todo o organismo do indivíduo, alterando suas funções e trazendo mudanças nos seus comportamentos, percepções, sentimentos, pensamentos, ações e reações” (SPIRDUSO, 2005 *apud* MACHADO; LUCAS, 2017, p.577). A consequência disto é que os professores podem vir a desenvolver algumas síndromes, dentre as quais destacamos a Síndrome de *Burnout*.

Definindo a Síndrome de *Burnout*, Carlotto (2011), a compreende como um fenômeno psicossocial resultante do estresse excessivo relacionado ao trabalho, constituído de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.

A partir desse raciocínio, surge então uma pergunta: os Professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins, do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-

Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante de características que podem levar à Síndrome de *Burnout*?

O termo *envelhescente* foi utilizado pelo escritor Mário Prata na crônica “Você é um *envelhescente*?” (PRATA, 1997), para caracterizar a etapa da vida entre 45 aos 65 anos de idade, na qual o autor define como sendo uma preparação para a velhice, comparando-a com a adolescência que é uma preparação para a maturidade. No âmbito deste escrito, utilizaremos esta expressão *envelhescente* para distinguir os sujeitos entre 45 e 60 anos de idade, antes da velhice. Tendo em vista que é considerada pessoa velha, nos países em desenvolvimento, aquela que tem idade a partir de 60 anos.

O presente texto tem como finalidade identificar se os Professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar à Síndrome de *Burnout*.

Para tanto, seus objetivos específicos são: conceituar a Síndrome de *Burnout* e como ela se apresenta em professores; caracterizar o processo de envelhecimento e suas alterações físicas, psíquicas e sociais a partir dos 45 anos de idade; e compreender como o professor percebe seu processo de envelhecimento e as características de uma possível síndrome de *Burnout* diante das exigências da sua profissão.

Essa pesquisa se justificou pela necessidade de ampliação do conhecimento sobre a Síndrome de *Burnout* em professores, uma vez que esta pesquisadora é também estudante de Pedagogia. E, portanto, a sala de aula, com crianças pequenas não é única, mas sim, um dos ambientes de atuação do pedagogo, podendo ser o Ensino Superior um de seus espaços de atuação.

Justifica-se ainda, pela importância acadêmica, e, portanto, social, visto que todo assunto acadêmico é também social, uma vez que, o professor busca auxiliar na formação de pessoas capazes de interagir socialmente de forma crítica, em favor de uma sociedade mais equânime, e está sempre sujeito as consequências das exigências de sua profissão.

De outro lado, este estudo se torna relevante à medida que visamos fomentar as investigações sobre os problemas de saúde dos professores em decorrência do estresse laboral, bem como verificar se o envelhecimento tem afetado a saúde destes, tornando-se um dos fatores que levam a Síndrome de *Burnout*. Buscando assim, possíveis alternativas, que possam minimizar esta situação de adoecimento desses profissionais.

Visto que a população brasileira está envelhecendo e, conseqüentemente, os profissionais, sejam da educação como de outras áreas também o estão, uma vez que este

processo é biológico e inevitável. O que se pode modificar neste processo são as implicações do envelhecimento, que variam de indivíduo para indivíduo e depende em parte da sua condição social “pois o envelhecimento é um processo subjetivo que ocorre de acordo com a realidade do indivíduo” (MACHADO; LUCAS, 2017, p.577).

Partindo do princípio de que o método “[...] se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.106), elegemos para esta pesquisa o Materialismo Histórico Dialético, que busca entender os fenômenos a partir das relações históricas sociais e culturais dos sujeitos (GIL, 2008, p.13).

Quando, pois, um pesquisador adota o quadro de referência do materialismo histórico, passa a enfatizar a dimensão histórica dos processos sociais. A partir da identificação do modo de produção em determinada sociedade e de sua relação com as superestruturas (políticas, jurídicas etc.) (*idem*, p.22-23).

Neste processo de compreensão do sujeito em seus aspectos históricos, sociais e culturais, adotamos para a pesquisa a metodologia de abordagem qualitativa, entendendo que para compreender esses aspectos o pesquisador não pode ser neutro.

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra. (BOGDAN, 1994 apud CAPUZZO, 2012, p.14).

Para a coleta de dados e informações, realizamos revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Em relação à revisão bibliográfica é de fundamental importância para a construção desta pesquisa, pois, “[...] sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Quanto à pesquisa de campo, “[...] não deve ser confundida com a simples coleta de dados [...] é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado” (TRUJILLO, 1982, apud MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186).

Para tanto, utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada, com 13 perguntas acerca do trabalho docente, Síndrome de *Burnout* e envelhecimento. As entrevistas foram realizadas em locais e horários distintos, respeitando a disponibilidade de cada participante.

Os participantes da pesquisa foram professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins, do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, a partir dos 45 anos de idade, ou seja, não os professores que se encontram na velhice, mas sim os que se encontram na transição, antes de completar os 60 anos. Não participaram da pesquisa os professores que estavam licenciados para capacitação ou afastados por problemas de saúde.

A análise dos dados e informações foi feita por meio de análise de conteúdo, de acordo com os três pólos cronológicos definidos por Bardin (2004, p.89-95): Pré-análise; Exploração do material; e o Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

1- A PRÉ-ANÁLISE - É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais [...] trata-se de estabelecer um programa, que podendo ser flexível [...] deve, no entanto, ser preciso. Geralmente, esta primeira fase possui três dimensões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. [...] Após a pré-análise devem ser determinadas operações: de *recorte do texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática e de modalidade de *codificação* para o registro dos dados. 2- A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL – [...] Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas [...]. 3- TRATAMENTOS DOS RESULTADOS, A INFERÊNCIA E A INTERPRETAÇÃO – Os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos [...] e válidos. [...] O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos [...].

Observamos que a maioria dos escritos sobre a Síndrome de *Burnout* fala sobre a Escala de Maslach, esclarecemos que não utilizaremos esta escala, tendo em vista que ela é aplicada em um número grande de indivíduos, portanto precisaríamos de um tempo maior para este estudo, o que não temos, visto que esta é uma pesquisa de graduação. Outro ponto seria o fato de que este escrito se trata de uma pesquisa qualitativa, e não quantitativa.

Entendendo que há a

necessidade de um método de análise mais amplo, que privilegie uma abordagem de caráter qualitativo, a fim de que a análise não se restrinja aos dados frios de um formulário, e avance a investigação sobre aspectos, como o conteúdo e o discurso da fala dos sujeitos a serem entrevistados,” (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009, p. 09)

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Tocantins, com o parecer de nº 3.452.123, respeitando-se os preceitos éticos de

pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para discutir sobre este tema além da introdução, este escrito está organizado em três seções, na primeira abordamos o aparato teórico sobre o trabalho na sociedade contemporânea, o trabalho docente e a Síndrome de *Burnout*. Esses referenciais tratam-se de nossa revisão bibliográfica, os quais traçam observações sobre as condições e organização do trabalho, em especial do trabalho docente de professores universitários, bem como conceitos e características da Síndrome de *Burnout*, destacando os estressores que levam ao adoecimento físico e psíquico destes profissionais.

Na segunda seção caracterizamos o processo de envelhecimento físico/biológico e social, destacando as alterações corporais pelas quais o sujeito passa durante seu desenvolvimento, bem como discutimos acerca da compreensão social sobre esta etapa da vida humana. Conceituamos, também, o período de *envelhescência*, ou seja, a meia-idade, período definido por nós dos 45 aos 60 anos de idade.

Na terceira seção abordamos o desenvolvimento e a análise da pesquisa de campo (TRUJILLO, 1982, *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003), para a qual adotamos uma abordagem qualitativa (BOGDAN, 1994), tendo sido realizada com os professores da Universidade Federal do Tocantins, atuantes no curso de Pedagogia e nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, com idade acima dos 45 e menos de 60 anos de idade, aqui denominados de *envelhescientes*, buscando compreender como o professor percebe seu processo de envelhecimento e as características da síndrome de *Burnout* diante das exigências de sua profissão.

Por fim, as considerações finais sobre o estudo.

1 SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFESSORES

Na seção que se segue abordamos o aparato teórico sobre o trabalho na sociedade contemporânea, o trabalho docente e a Síndrome de *Burnout*. Esses referenciais tratam-se de nossa revisão bibliográfica, os quais traçam observações sobre as condições e organização do trabalho, em especial do trabalho docente de professores universitários, bem como conceitos e características da Síndrome de *Burnout*, destacando os estressores que levam ao adoecimento físico e psíquico destes profissionais.

1.1 TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: FLEXIBILIZAÇÃO, PARA QUEM?

A palavra trabalho possui diversas significações, dentre as quais “conjunto das atividades humanas empregado na produção de bens” (AULETE, 2013, p. 606). Nessa mesma perspectiva, Frigotto (2002, p. 12) diz que o trabalho “é condição constitutiva da vida dos seres humanos em relação aos outros. Mediante isso, o trabalho transforma os bens da natureza ou os produz para responder, antes de tudo, as suas múltiplas necessidades”. Sendo, portanto, “humanamente imprescindível ao homem”, e

elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Um dever a ser aprendido, socializado, desde a infância. Trata-se de apreender que o ser humano – como ser natural – necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais e socioculturais (*idem*, p. 15).

Nesse sentido, compreendemos que o trabalho não é opção, mas sim obrigação para sobrevivência, seja ela almejando um conforto, uma melhoria de *status* social, seja apenas como forma de atender as necessidades básicas biológicas e culturais. No entanto, sob a égide do capitalismo

o trabalho, a ciência e a tecnologia [...] deixam de ter centralidade como valores de uso e de respostas às necessidades vitais de todos os seres humanos. Sua centralidade fundamental transforma-se em valor de troca com o fim de gerar mais lucro ou mais capital (FRIGOTTO, 2002, p. 16).

Na sociedade contemporânea “o trabalho alcança um lugar de valor, de algo que define tanto a identidade quanto a existência de cada sujeito” (MACHADO; LUCAS, 2017,p.578). Passando este a ser reconhecido pelo cargo que ocupa e pelo salário que recebe. Sendo que, muitas vezes precisa exercer diversas funções com carga horária de trabalho excessiva em busca de uma melhoria financeira, resultado do capitalismo que transforma o valor do trabalho, de produção de bens de sobrevivência natural, para um valor de geração de lucros e capital (FRIGOTTO, 2002). No qual “a mais valia é o lucro e não o trabalhador, o indivíduo torna-se alienado, solitário, competitivo, devendo sempre fazer o melhor para não ser substituído. Isso gera uma grande tensão e apreensão com medo de perder o emprego e de não agradar a todos” (CORRÊA, 2016, p. 31).

Frigotto (2002, p.18) explica que esse processo de geração de lucro e capital, a partir da venda da força de trabalho, definido como alienação dessa força, é mascarado pela legalização do contrato de trabalho. No entanto, o autor diz que esses contratos não têm o mesmo valor para o empregador e para o empregado, mas será apenas uma legalização da exploração. Agravando-se com o fato de que “em tempos de desemprego estrutural, como o que vivemos atualmente, aumenta também a exploração e a perda de direitos conquistados”. O autor esclarece que a fragilidade, ou seja, “o que está em crise não é o trabalho, mas a forma capitalista de trabalho assalariado” (*idem*, p.22).

Cooper (2010) fala sobre a fragilidade nesses contratos de trabalho, em especial os que estão em expansão, visto que há uma tendência da adoção de contratos de curto prazo, terceirização, também definida como flexibilização do trabalho. No entanto, a autora afirma que esse tipo de trabalho “é tudo menos flexível” para o trabalhador (COOPER, 2010, p. 05). Esses estudos demonstram que os contratos de curto prazo, a terceirização, ou seja, a flexibilização, têm afetado o trabalhador, gerando insegurança, baixa autoestima e diminuição da motivação para o desenvolvimento das atividades, uma vez que a carga horária nesses casos nem sempre é cumprida. Esses sujeitos acabam excedendo em seus horários pela necessidade de demonstrar produção, no intuito de evitar uma possível demissão. Conseqüentemente esse esforço extremado tem provocado problemas familiares, e também de saúde.

A autora referida diz que é possível um resultado financeiro satisfatório com esse tipo de trabalho, mas a contrapartida são níveis de insegurança e insatisfação muito altos.

Logo

desenvolver e manter uma sensação de bem-estar no trabalho e em nossa economia de maneira geral não envolve apenas resultados financeiros [...]. Envolve, ou deveria

envolver, em uma sociedade civilizada, questões de qualidade de vida, bem como horas de trabalho, tempo com a família, cargas de trabalho administráveis, controle sobre sua carreira e alguma sensação de segurança do emprego. (COOPER, 2010, p. 08).

Em síntese, “o trabalho trata da busca por um sentido diário, bem como pelo pão de cada dia, por reconhecimento, bem como por dinheiro, por surpresa ao invés de torpor, em suma, por um tipo de vida, e não por um tipo de morte de segunda a sexta-feira” (TERKEL, *apud* COOPER, 2010, p. 08).

1.1.1 Trabalho de professores universitários e suas implicações

As modificações pelas quais a sociedade tem passado, tais como

a evolução e a transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados); aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massas, etc.), que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura; o conflito que se instaura nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir e quais deve questionar (CARLLOTO, 2002, p.22),

tem interferido no trabalho de professores, tanto da educação básica quanto de professores universitários. Nessa nova forma de organização social e educacional “A função do professor universitário tem se ampliado e cada vez mais exige-se do professor maior articulação com a comunidade, ampliação de seus conhecimentos e formação constante” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.63). Mas, “não se trata somente da necessidade de atualização contínua, mas sim da renúncia a conteúdos e a um saber que vinha sendo de seu domínio durante anos” (CARLLOTO, 2002, p.23).

Com tudo isso “difunde-se o surgimento de um novo ser humano: forte, intelectual, interativo, criativo, que tenha iniciativa, versátil, flexível e que demonstre domínio e competência emocional” (LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p.75).

Outra exigência para este novo profissional são as “aulas show [...] Essas devem ser preparadas pelos professores com o uso de muitos recursos tecnológicos focando o fazer prático, para não enfadar o estudante” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.42). Entendemos que isso não seria um fator negativo, porém torna-se um problema a partir do momento em que essas aulas são utilizadas “em detrimento, muitas vezes, de levá-lo a refletir e a pensar criticamente a partir do estudo mais aprofundado das teorias e conhecimentos acumulados historicamente” (*idem*, p.42). Ademais, nem sempre há equipamentos suficientes nas

universidades para que os professores desenvolvam seu trabalho, fazendo com que muitas vezes estes profissionais retirem de seu salário para adquirir estes equipamentos com o intuito de facilitar seu trabalho (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Isso tudo, surge com os avanços tecnológicos que muitas vezes causam impactos no trabalho destes professores, pois “muitos de nós não possuímos tanta facilidade para lidar com todos os recursos tecnológicos disponíveis ou desejados pelo mercado e/ou pelos estudantes” (*idem*, p.54). Além do mais

com a informatização, fica facilitada a constituição de um espaço de trabalho, em qualquer lugar [...] o professor vai fisicamente para casa, mas o dia de trabalho não termina, pois as inovações tecnológicas possibilitam a derrubada das barreiras entre o mundo pessoal e o mundo profissional (LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p.70).

Aliado a todos estes fatores está o fato de que “a área docente é uma das mais exigidas e cobradas dentre as categorias profissionais: ao mesmo tempo em que é esperado que o professor possua uma boa qualificação e aperfeiçoe-se constantemente, não lhe são ofertados subsídios para isso” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.61), pois

como as instituições de ensino não têm se mostrado capazes de (e dispostas a) subsidiar tais investimentos, os docentes são levados a buscar essa atualização com seus próprios recursos, sendo também onerados com o aumento não remunerado de sua carga horária de trabalho (*idem*, p.63).

Conseqüentemente

as pesquisas tendem a apontar a perda da qualidade da saúde física e emocional dos professores associada a fatores como extensas jornadas de trabalho, baixos salários, alto número de alunos por sala de aula, insegurança no emprego e desvalorização pela sociedade em geral e pelos próprios alunos. (FARIA; CAMARGO, 2020, p.63).

Nesta mesma perspectiva, Francelino (*apud* LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p.63) diz que “a partir da década de 1960, o professor se vê submetido às mesmas condições dos trabalhadores fabris, pois a escola adquire a nova função de formar trabalhadores. O aluno passa a ser visto como produto e a escola como uma instituição produtora da força de trabalho”. Tornando o entendimento da educação “um negócio rentável. A comunidade, de uma forma geral, nota esta concepção de ensino, desenvolvendo uma percepção negativa em relação à mesma, com conseqüente desprestígio de todos os que dela fazem parte” (CARLLOTO, 2002, p.26). Tal qual destaca Lima; Lima-Filho (2009, p.69) “o professor aproxima-se do trabalhador, do proletário. Alienado do produto do seu trabalho, passa a vender a força de trabalho, produzindo em série, em intermináveis jornadas de esforço”.

Carloto (2002, p.22) diz que “do doutrinamento religioso a escola passou à doutrinação ideológica, para a disciplina material, para a organização da experiência escolar, de forma que gerasse nos jovens hábitos e comportamentos mais adequados às necessidades da indústria”.

Outro fator relacionado às políticas capitalistas que tem interferido no trabalho dos professores universitários, por causar insegurança trabalhista e falta de autonomia, de acordo com Lima;Lima-Filho (2009, p.63) é

a ameaça pura e simples de privatização. São as leis do mercado tornando-se cada vez mais presentes nas relações das instituições educacionais. Assim, assistimos a um deterioramento das condições de trabalho dos docentes que tem provocado mudanças em sua atuação e função social.

Para Magalhães (2013, p.61) “por meio da aproximação cada vez maior da compreensão da educação superior como um serviço, e não como um bem público e um direito, impactam diretamente no trabalho do professor, retirando sua autonomia quanto ao ensino, à pesquisa e à extensão”. Assim,

estão postas as condições de trabalho do professor universitário hoje, com as pressões e as demandas que tornaram tais condições diversas e adversas. Instituiu-se a fragmentação de suas múltiplas atividades, o que foi intensificado nos últimos anos de modo exacerbado. Ser professor no ensino superior passou a exigir muito mais tempo, uma vez que, assim como os outros trabalhadores, os professores tiveram ampliadas suas demandas de trabalho, seja em relação à atividade de docência, seja em extensão ou pesquisa (*idem*, p.62).

Logo, este professor precisa se dividir entre a sala de aula, que normalmente acontece na graduação e nos programas de pós-graduação, suas atividades de pesquisa e produção científica para publicizações, suas responsabilidades sociais e familiares, e lazer. Sendo que as últimas são diversas vezes deixadas em último plano. Como disse Lima; Lima-Filho (2009, p.70)

o aumento da produção científica docente vem sendo bastante estimulado pelas instituições reguladoras da pós-graduação e de fomento à pesquisa (CAPES, CNPq e congêneres nos estados). Para os professores isso se torna importante tanto para conseguir se manter em programas de pós-graduação, como para conseguir financiamentos para pesquisas. Dessa forma, a busca quase “frenética” de aumento da produção acaba desenvolvendo certa competição entre os próprios professores, levando-os ao cansaço, estresse e, muitas vezes, à frustração.

Segundo Mancebo; Sguissardi (*apud*, MAGALHÃES, 2013, p.64)

configurou-se no país um modelo de ensino superior gerencialista, neoprofissional, heterônomo e competitivo, cujos princípios se alicerçam na lógica empresarial do

mercado econômico. Tal modelo desloca a educação do patamar de serviço (que já havia sido deslocada do patamar de bem cultural de direito) e a coloca no rol das mercadorias.

O que, conseqüentemente, tem desvalorizado a categoria docente socialmente e financeiramente, tornando-a muitas vezes contraditória, pois ao mesmo tempo em que o professor deve ter uma boa relação com os alunos, lhes proporcionando

apoio para o seu desenvolvimento pessoal, ao final do curso adote um papel de julgamento, contrário ao anterior. Deve estimular a autonomia do aluno, mas ao mesmo tempo pede que se acomode às regras do grupo e da instituição. Algumas vezes é proposto que o professor atenda aos seus alunos individualmente e em outras ele tem que lidar com as políticas educacionais para as quais as necessidades sociais o direcionam, tornando professor e alunos submissos, a serviço das necessidades políticas e econômicas do momento (MERAZZI, 1983, *apud* CARLLOTO, 2002, p.23).

Precisa, também, manter uma boa relação com a família destes alunos e com a comunidade acadêmica, visto que “professor e estudante estão juntos, em interação na construção de uma aprendizagem significativa; nesse contexto, ambos podem participar e envolver-se integralmente em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem enquanto forma de trabalho” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.49). Bem como, deve manter-se atualizado com as ininterruptas mudanças sociais, precisando muitas vezes renunciar conteúdos e saberes com os quais vinha trabalhando durante anos (CARLLOTO, 2002). O que acaba por exaurir este profissional diante de tantas exigências, pois “no exercício da prática docente, o desequilíbrio entre a carga de responsabilidades e a valorização do trabalho desenvolvido gera uma sobrecarga emocional que repercute sobre a saúde do professor” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.63).

Corroborando com esta perspectiva Codo; Vasques-Menezes (1999, p.257) dizem que, “já se viu que o professor faz muito mais do que as condições de trabalho permitem; já se viu que comparece no tecido social compondo o futuro de milhares e milhares de jovens que antes dele sequer poderiam sonhar”.

Como disse Carloto (2002, p.23) “a escola, como instituição social, vive hoje uma grave crise, consequência da própria crise em que vive a sociedade e o Homem”. É preciso que haja uma mudança urgente nessa realidade, pois “se não forem compreendidas como as tensões e as contradições que estão presentes no campo da formação universitária se materializam no trabalho do professor do ensino superior, teremos sérios problemas no campo da docência universitária” (MAGALHÃES, 2013, p.66). Um desses problemas que já se manifesta na vida dos professores é a exaustão profissional, que aliada a outros fatores

familiares e sociais muitas vezes tem levado esses profissionais a seguidos afastamentos do trabalho por causa de adoecimentos.

Dentre as enfermidades que levam os profissionais da educação a se afastar do trabalho está a Síndrome de *Burnout*.

Na década de 1980, cresce o interesse por *Burnout*, pois diversas investigações mostraram resultados considerados alarmantes. Foram identificados sintomas em grupos profissionais que, até então, não eram consideradas populações de risco, pelo contrário, por serem profissões consideradas vocacionais, sendo a docência uma delas, acreditava-se que esses profissionais obtinham gratificações em todos os níveis, dos pessoais aos sociais (DELGADO, *apud* CARLLOTO, 2011, p.403).

O afastamento de professores das funções trabalhistas, devido o adoecimento, seja por um curto ou longo espaço de tempo, requer urgente atenção, tanto do próprio sujeito, mas também, das políticas públicas, uma vez que “a busca de estratégias e soluções, contudo, não é tarefa exclusiva do professor e não pode se restringir somente à esfera direta de sua ação, mas deve estender-se aos aspectos políticos, sociais e culturais que determinam sua posição atual” (FARIA; CAMARGO, 2020, p. 74), pois quanto antes se der a devida atenção às causas, mais facilmente se extirparão as consequências.

1.2 SÍNDROME DE *BURNOUT*: DEFINIÇÕES E ESTRESSORES

Quando observamos a realidade contemporânea, com os avanços das tecnologias, tanto de informações quanto de comunicações, percebemos que as pessoas se sentem cada vez mais isoladas, mesmo estando conectadas a milhares de outras pessoas, se sentem mais sozinhas. Nesse sentido, Cooper (2010, p.03, *grifos da autora*) diz que, com a

globalização, a privatização, a reengenharia de processos, fusões e aquisições, alianças estratégicas, *joint ventures* e coisas do gênero [...] as tensões começaram a surgir e o conceito de “*burnout*” (nível devastador do *stress*) uniu-se ao de “títulos de alto risco”, “pacotes de *software*”, e “*e-mail*”.

Ou seja, “as novas tecnologias, ao invés de serem nossas redentoras, acrescentaram o fardo da sobrecarga de informações, além de acelerar o ritmo do trabalho, à medida que maior velocidade de resposta (por ex., fax, *e-mails*) torna-se a expectativa padrão” (*idem*, p.03).

Há, também, o fato de que com o desenvolvimento do capitalismo industrial caracterizado “pelo crescimento da produção, pelo êxodo rural e pela concentração de novas populações urbanas” (DEJOURS, 1992, p. 14), essa sociedade passa a impor posturas e padrões sociais muitas vezes distantes da realidade dos indivíduos, que para cumprir com

essas exigências estabelecem para si uma produtividade exagerada, se sobrecarregando físico e emocionalmente.

Essa sobrecarga física e emocional, aliada a falta de reconhecimento profissional, baixos salários, entre outros, tem levado a um crescente adoecimento. Dentre estas doenças se destaca a Síndrome de *Burnout*, classificada como doença, em 2019, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) 11, para entrar em vigor a partir de 2022 (PITTA, 2019).

A incidência dessa síndrome foi verificada pelas pesquisadoras Christina Maslach e Susan Jackson em 1978, a partir da elaboração do *Maslach Burnout Inventory* (MBI), o primeiro instrumento a ser criado para verificação dos fatores que desencadeiam a Síndrome de *Burnout*. Mesmo com a elaboração de outros instrumentos, por outros pesquisadores, atualmente o MBI é amplamente utilizado nas avaliações dos profissionais das mais variadas áreas, as quais possam ser acometidas dessa síndrome (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009). No entanto, não utilizaremos este instrumento por estarmos realizando uma pesquisa com um número pequeno de indivíduos, e com tempo reduzido, o que nos impossibilita de trabalhar com esta escala, a qual, normalmente é aplicada a um número grande de pessoas e requer um tempo maior para análise dos dados encontrados.

Observamos que a Síndrome de *Burnout* está diretamente relacionada ao estresse laboral, com maior prevalência em profissionais que lidam diretamente com pessoas, onde há uma forte ligação emocional, (CARLLOTO, 2002). “É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil” (CODÓ; VASQUES-MENESES, 1999, p.258). É um “Estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo” (CARLLOTO, 2002, p.21).

Todavia, diferencia-se a Síndrome de *Burnout* do stress cotidiano, à medida que

mais do que um estado de espírito, o stress é a reação do indivíduo a uma adaptação e pode causar um conjunto de sintomas – físicos, psicológicos e comportamentais. Mas, diferentemente do que se acredita, não dá para acabar com o stress. Nem ele é um mal a ser combatido. Ele é necessário para mobilizar as pessoas, dar uma certa dose de garra para alcançarem seus objetivos. (ROSSI, 2010, p. xi)

Enquanto que, conforme Carlloto (2011, p.404) a Síndrome de *Burnout* é

[...] um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional. A Exaustão Emocional

caracteriza-se por uma falta ou carência de energia e um sentimento de esgotamento emocional, sendo sua maior causa a sobrecarga de trabalho. A Despersonalização ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, os colegas e a organização de forma distante e impessoal. Por fim, a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, experimentando um declínio no sentimento de competência e na sua capacidade de interagir com as pessoas [...].

Ao tratar da exaustão emocional, Maslach (2010, p.44) diz que esta dimensão pode ser “associada a vários sintomas físicos de stress: cefaléia, problemas gastrointestinais, tensão muscular, hipertensão, episódios de resfriado/gripe e problemas de sono”. O que conseqüentemente leva os profissionais a se ausentarem do trabalho. Ademais, o profissional acometido da Síndrome de *Burnout* passa a produzir menos e com menor qualidade, podendo até mesmo “ter um impacto negativo sobre seus colegas, tanto pelo fato de causarem maior conflito pessoal, quanto por atrapalhar as tarefas do trabalho. Portanto, a Síndrome de *Burnout* pode ser contagioso e se perpetuar através das interações informais no trabalho” (*idem*, p. 44).

Lima; Oliveira; Silva; Emérito (2009, p. 02), concordam com a concepção de que os profissionais mais suscetíveis a serem acometidos por essa doença são os que lidam “diretamente em contato com outras pessoas, muitas vezes cuidando delas, como no caso dos profissionais de saúde ou tendo, simplesmente, que lidar com elas, como no caso dos profissionais de educação.” Destacam que

os desgastes físico e emocional, que caracterizam a Síndrome de *Burnout*, têm suas origens nos seis pontos de desequilíbrio entre os indivíduos e seus trabalhos: excesso de trabalho, falta de controle, remuneração insuficiente, colapso da união, ausência de equidade e valores conflitantes (*idem*, p.02).

Analogamente, Maslach (2010) fala sobre estes desequilíbrios como aspectos-chave do ambiente organizacional, fatores de risco para a Síndrome de *Burnout*, os quais se distendem em: sobrecarga de trabalho; falta de controle; recompensas insuficientes; ruptura na comunidade; falta de justiça; e conflitos de valor, sendo que:

- Sobrecarga de trabalho – As pessoas com sobrecarga de trabalho frequentemente sentem um desequilíbrio na carga entre seu trabalho e sua vida doméstica também. Por exemplo, elas podem ter que se sacrificar o tempo com a família ou suas férias a fim de concluir seu trabalho [...];
- Falta de controle – A falta de controle no trabalho pode resultar de uma série de fatores. Os empregados que são microgerenciados e que não têm permissão de usar sua própria sabedoria ou experiência para tomar decisões sentirão que não possuem muito arbítrio pessoal e autonomia em seu trabalho. Eles podem sentir que estão sendo responsabilizados por algo sobre o que não têm controle [...];
- Recompensas insuficientes – As recompensas-padrão que as pessoas imaginam são o salário, benefícios ou “vantagens” especiais. No entanto, em muitos casos as recompensas mais importantes envolvem o reconhecimento. É muito

importante para as pessoas que alguém note o que elas fazem e que alguém se importe com a qualidade de seu trabalho [...];

- Ruptura na comunidade – Se as relações de trabalho estão indo bem, há bastante apoio social e os empregados têm uma maneira eficaz de resolver as desavenças. Mas, quando há uma ruptura na comunidade e não há outro apoio, há uma verdadeira hostilidade e concorrência, o que dificulta a resolução dos conflitos [...];
- Falta de justiça – A percepção de que não há justiça e igualdade no local de trabalho é provavelmente o melhor preditor da dimensão ceticismo no *burnout*. Raiva e hostilidade podem ocorrer quando as pessoas sentem que não estão sendo tratadas com o respeito que vem de um tratamento justo. Mesmo incidentes que parecem insignificantes ou triviais podem, se sinalizarem um tratamento injusto, gerar emoções intensas e ter uma grande importância psicológica [...];
- Conflitos de valor – Os conflitos de valor surgem quando as pessoas trabalham em uma situação na qual há um conflito entre os valores pessoais e da organização. Sob tais circunstâncias, os empregados podem ter que lutar com o conflito entre o que querem fazer e o que têm que fazer.

Por ser um tema em ascensão, nas pesquisas, consultórios médicos e psiquiátricos, há muitas dúvidas, dificuldades de diagnósticos e críticas, muitas vezes comparando a Síndrome de *Burnout* a um modismo da sociedade contemporânea. Nesse sentido, concordamos com Codo; Vasques-Meneses, (1999, p. 259), quando dizem que “as modas não são fortuitas, respondem de alguma forma às demandas sociais, dirigem os olhos do pesquisador para os tempos em que vive”. Ou seja, é uma forma de chamar a atenção para determinado tema, neste caso o adoecimento relacionado ao ambiente laboral. Os autores continuam dizendo que,

a teoria do stress não coincidiu simplesmente com a explosão de produção e consumo que se seguiu ao acordo de Bretton Wood; a produtividade a qualquer custo em que o mundo se envolveu ‘atritava’ quotidianamente o ser humano e os seus próprios limites. A teoria do *Burnout* também não surge por acaso, teoria que se dispõe a compreender as contradições da área de prestação de serviços, exatamente quando a produção do setor primário descamba e o setor terciário vem tomar seu lugar. A teoria do ser humano solitário, na época em que parece se esvanecer a solidariedade; a ênfase na despersonalização quando a ruptura dos contratos sociais parecem ter eliminado a pessoa. (CODO; VASQUES-MENESES, 1999, p. 260)

Desta forma, estudar esta síndrome é tentar compreender as relações de trabalho e o desgaste decorrentes dele, o qual tem levado inúmeros profissionais a se afastar de seus afazeres, por se sentir vazio e esvaziado de capacidades e habilidades para continuar exercendo suas funções. Decerto, “ao nomear o que sentimos podemos lidar com o que sentimos, podemos entendê-lo, enfrentá-lo, saber dos seus limites” (*idem*, p. 261).

Portanto, é necessário que haja um enfrentamento tanto por parte do indivíduo que se encontra nesse processo de adoecimento, quanto por parte das esferas superiores, a empresa, a escola, o Estado. Reconhecendo que há a necessidade de uma reformulação nos espaços de trabalho, na forma de lidar com as consequências de uma sociedade consumista, altamente

exigente de produção. “Assim, o caminho possível é o de desenhar, reconstruir no modelo a trama complexa que se trava em torno, antes e depois da existência da Síndrome de *Burnout*; um pouco mais difícil, como se viu, um pouco mais real, como se verá” (*idem*, p. 271).

Uma das formas de lidar com esse adoecimento psíquico, ou mesmo um aliado de nossa saúde mental, de acordo com Vasquez-Menezes; Soratto (1999, p. 293) é o suporte social, o qual

se refere à rede social que se estabelece naturalmente entre colegas de trabalho, vizinhos e conhecidos. É a conversa morna e inútil que se trava em um bar, o ‘jogar conversa fora’ como que se diz, os amigos que se reúnem para assistir ao futebol, o vizinho que empresta uma xícara de açúcar, a eterna promessa de andar pelo parque no final de semana, o joguinho de buraco às noites, em casa, ao som do estalar de batatas fritas. Coisas banais, contatos sociais que não se planejam, que parecem acontecer ao sabor dos humores de cada dia.

Trata-se de um apoio seja para ajudar a resolver problemas, seja apenas para desabafar, compartilhar cargas que se não tivesse esse apoio teria que digerir ou acumular mais um stress sozinho. É ter à disposição “um ouvido que nos permite literalmente falarem e serem ouvidos, reorganizar as próprias ideias. Chamamos a isto de ‘coping’ apenas para tornar mais curto algo como o desenvolvimento de estratégias para lidar com os problemas do cotidiano” (*idem*, p. 294, *grifos do autor*).

Este é um argumento válido, visto que

todas as nossas atividades estão inseridas num contexto social, quer na vida privada, quer no trabalho, e são marcadas pelas relações que estabelecemos com as outras pessoas. Dependemos dessas relações para nossa sobrevivência e para nossas realizações no campo material, afetivo, laboral, religioso. (VASQUEZ-MENEZES; SORATTO, 1999, p. 294).

As autoras em destaque dizem que este suporte social tem diminuído, com o avanço das tecnologias que em tese deveriam facilitar a vida, permitindo o acesso a diversas informações, e até mesmo a compra do supermercado, e ainda os contratos de curto prazo, que muitas vezes são desenvolvidos em ambientes isolados, não havendo espaço para formação de laços entre colegas de trabalho. O que tem levado as pessoas a se isolarem dificultando os encontros com amigos para o alívio de stress e tensões diárias.

O resultado é que todas essas tensões não compartilhadas, não extravasadas, vão se acumulando diariamente, conseqüentemente chega um momento em que o sujeito não suporta mais, e então surge a Síndrome de *Burnout*,

traduzido para o português, Burn (queima) e out (para fora), significando perder o fogo, perder a energia ou queimar para fora. Em sua origem inglesa é denominada

como aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia, ou seja, é aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite, com grande perda em seu desempenho físico e/ou mental (TRIGO; TENG; HALLAK *apud* CORRÊA, 2016, p. 32).

1.2.1 Síndrome de Burnout em professores: como se apresenta

Vivemos tempos complexos em que “a educação passou a ser um produto a mais entre os muitos a serem consumidos” (MAGALHÃES, 2013, p.64). O espaço educacional passa a se pautar pela lógica mercantil, e palavras como produtividade, eficiência e eficácia afetam a escola, a universidade, os alunos e os professores. Assim sendo, “a escola, como instituição social, [...], vive hoje uma grave crise, consequência da própria crise em que vive a sociedade e o Homem” (CARLLOTO, 2002, p.23).

Neste movimento há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, existindo uma maior subserviência a um conjunto de burocracia. Também há menos tempo para executar o trabalho, menos tempo para atualização profissional, lazer e convívio social e poucas oportunidades de trabalho criativo. (CARLLOTO, 2002, p.25-26).

Segundo Soratto; Pinto (2009) trabalhos rotineiros e repetitivos são altamente desgastantes e responsáveis por altos níveis de carga mental, conseqüentemente,

a carga mental é característica do trabalho fragmentado, alienado, incapaz de ser portador de prazer para quem o realiza, trabalho que parece vazio, que esvanece o trabalhador, aquele que o trabalhador dificilmente consegue perceber a importância ou mesmo o seu lugar, a sua marca no produto. (*idem*, p.313)

Santos (2012, p.241), chama a atenção para o fato de que “nesse caso, o trabalho alienado do docente poderá descaracterizar a prática educativa, comprometer a qualidade do ensino e, com o tempo, alterar o significado do papel social de professor”. Ou seja, ao invés de formar cidadãos críticos, o professor poderá estar formando apenas uma massa de trabalhadores para repetir o que lhes é solicitado, sem a capacidade de tomar suas próprias decisões e sem questionar o que lhes é imputado.

Nesse contexto de mercantilização e expropriação do trabalho educativo,

o professor, até há pouco considerado como um profissional fundamental à sociedade, agora luta por sua valorização e pelo reconhecimento da importância de seu trabalho. Dentre os que persistem na carreira, incontáveis são os casos de adoecimento físico e emocional derivados da atuação pedagógica. (FARIA; CAMARGO, 2020, p.62).

Um dos principais motivos de afastamento dos professores do seu ambiente de trabalho, em destaque nas pesquisas, é a Síndrome de *Burnout*. A qual pode ser definida como “o nome da dor de um profissional encastrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração” (ABICALIL, 1999, p.08).

No caso dos professores, a Síndrome de *Burnout* associa-se a outros estressores, tais como: “a falta de perspectiva de crescimento e realização profissional [...]; a perda de autonomia em sala de aula [...]; a dificuldade em visualizar os resultados de seu esforço laboral [...]; o risco de sofrer violência física dentro de sala de aula;” (RODRIGUES; BRITO; BRITO, 2019, p. 218).

Nesse sentido

a literatura considera professores idealistas e entusiasmados com sua profissão mais vulneráveis, pois sentem que têm alguma coisa a perder. Estes professores são comprometidos com o trabalho e envolvem-se intensamente com suas atividades, sentindo-se desapontados quando não recompensados por seus esforços. (FARBER (1991) *apud* CARLLOTO, 2002, p.24).

Ademais, estes professores “possuem expectativas de atingir metas um tanto ou quanto irrealistas, pois pretendem não somente ensinar seus alunos, mas também ajudá-los a resolverem seus problemas pessoais” (*idem*, 2002, p.24). Quando se trata do professor universitário, estes têm uma responsabilidade diferente dos que atuam na educação básica, pois “cabe ao docente universitário, dentre outras atribuições, apresentar os conceitos científicos ligados à área específica do conhecimento escolhida pelo estudante para a sua formação e posterior atuação profissional” (ROLDÃO; JUNIOR; SCHWARZ; CAMARGO, 2020, p.41).

De acordo com os autores acima referidos, o trabalho destes professores torna-se mais complexo à medida que esperam alunos preparados para ingressar no ensino superior, mas não é o que acontece, pois eles apresentam dificuldades de integração, muitas vezes relacionadas a habilidades básicas de leitura e interpretação de textos. O que muitas vezes exige destes professores cumprir com obrigações que não estão relacionadas ao seu planejamento.

Além disso, “a falta de condições físicas e materiais para implementar suas ações junto aos alunos também foi identificada como importante fonte de desgaste profissional.” (CARLLOTO, 2002, p.25). Tudo isso de forma persistente, leva ao estresse crônico e consequentemente a Síndrome de *Burnout*.

Despertando preocupação, pois “as consequências do *burnout* em professores não se manifestam somente no campo pessoal-profissional, mas também trazem repercussões sobre a organização escolar e na relação com os alunos” (CARLLOTO, 2002, p.27), considerando que o professor é um dos responsáveis pela relação com os alunos, com as famílias dos alunos e, também, do contato destes com as demais áreas da escola, tais como equipe gestora, secretarias, entre outras.

Corroborando com esta concepção Maslach (2010, p. 43) diz que “o *burnout* deveria, de fato, ser considerado uma grande preocupação porque pode ter muitos custos, tanto para a organização, quanto para o funcionário”. Carlloto (2002, p.21) complementa esta ideia ao dizer que

burnout em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando estes profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia e ocasionando problemas de saúde e absenteísmo e intenção de abandonar a profissão.

A autora complementa dizendo que “o professor acometido pela síndrome tem dificuldade de envolver-se, falta-lhe carisma e emoção quando se relaciona com estudantes, o que afeta não só a aprendizagem e a motivação dos alunos, mas também o comportamento destes” (idem, p.27). Percebemos a necessidade urgente de um olhar sobre estes profissionais, e sobre os estressores que têm levado estes profissionais ao afastamento e mesmo abandono de suas profissões.

Ainda que a Síndrome de *Burnout* não seja um fenômeno novo, há uma dificuldade em diagnosticar e tratá-la, pois

pessoas com burnout estão sendo diagnosticadas como tendo estresse, ou outra doença. Isso é algo que merece atenção especial, visto que muitas são as consequências, para o indivíduo e para a organização, tanto da síndrome, quanto do diagnóstico equivocado, pois além de haver um afastamento do trabalho, se o tratamento é feito de maneira inadequada, os prejuízos causados podem se ampliar. (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009, p. 01).

Em se tratando do sujeito em si, uma das dificuldades de identificar algumas das principais dimensões da Síndrome e por fim gerar um diagnóstico preciso é por que

apesar do Brasil ser um país com uma cultura caracterizada pelo paternalismo, visto que ao mesmo tempo que o brasileiro pode apresentar comportamentos ásperos e até mesmo com certa dureza diante dos erros do outro, ele é também é um povo inspirado em ideais de solidariedade, cooperação e respeito para com o próximo, principalmente em casos que envolvam fragilidades ou necessidade de cuidados. Esse traço cultural permeia o comportamento de boa parte das pessoas, e causa uma

espécie de conflito moral no momento assumir ou não o tratamento frio diante de seus pares. (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009, p. 09).

É necessário que os professores compreendam a importância da saúde e da educação como “condições preponderantes para o desenvolvimento humano e social” (DIEHL; MARIN, 2016,p.80). Pois,

frente aos problemas e demandas atuais, esses profissionais precisam de competência pedagógica, social e emocional e estimular a construção crítica dos indivíduos para que aprendam a ser e a conviver na sociedade como sujeitos conscientes, reflexivos e participativos, mas para isso é fundamental que também estejam física e mentalmente saudáveis (*idem*, p.80).

Para tanto, Carlloto (2002, p.27) explica que na medida em que entendemos melhor a Síndrome de *Burnout* como um “fenômeno psicossocial [...], identificando suas etapas e dimensões, seus estressores mais importantes, seus modelos explicativos, podemos vislumbrar ações que permitam prevenir, atenuar ou estancar o burnout”.

Mas,

constata-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido, sobretudo no sentido de encontrar soluções que contribuam efetivamente para o alívio da sobrecarga emocional do docente no Ensino Superior. Tal situação indica a necessidade de ultrapassar a ação isolada do professor, envolvendo toda a comunidade escolar e estendendo-se à sociedade, viabilizando a formulação de políticas públicas que possibilitam a melhoria das condições de trabalho do professor universitário (FARIA; CAMARGO, 2020, p.66).

As autoras complementam dizendo que “a busca de estratégias e soluções, contudo, não é tarefa exclusiva do professor e não pode se restringir somente à esfera direta de sua ação, mas deve estender-se aos aspectos políticos, sociais e culturais que determinam sua posição atual” (*idem*, p.74).

É preciso que a sociedade reveja o fato de que

a categoria de professores sofre muitas críticas, é extremamente cobrada em seus fracassos e raramente é reconhecida por seu sucesso. Nenhuma categoria tem sido tão severamente avaliada e cobrada pela população em geral nas últimas décadas como a de professores (CARLLOTO, 2011, p.403).

Assim sendo, concordamos com Farber (1999, *apud*CARLLOTO, 2002, p.26), quando diz que “professores, como todas as pessoas, precisam sentir-se importantes, amados e de alguma forma especiais. Eles necessitam ter estas necessidades afirmadas por quem eles vivem e trabalham”.

2 ENVELHECIMENTO: PROCESSO OU PROBLEMA

Nesta segunda seção, caracterizamos o processo de envelhecimento físico/biológico e social, destacando as alterações corporais pelas quais o sujeito passa durante seu desenvolvimento, bem como discutimos acerca da compreensão social sobre esta etapa da vida humana. Conceituamos, também, o período de envelhescência, ou seja, a meia-idade, período recortado por nós dos 45 aos 60 anos de idade.

2.1 ENVELHECIMENTO FÍSICO/BIOLÓGICO

Nas últimas décadas pesquisas tem demonstrado um nítido processo de envelhecimento demográfico, despertando para a importância de um olhar mais atento e crítico para esta etapa da vida humana. Em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, houve um aumento da expectativa de vida, conseqüentemente tem aumentado o número de idosos (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002), isto “representa uma conquista para a humanidade, porém traz alguns desafios, especialmente no que diz respeito a Saúde e a Previdência” (ALVES, 2014, p.11).

Taam (2012, p.1), ao falar sobre os desafios do envelhecimento populacional, diz que “aqueles que envelhecem vivem essa condição em um mundo que oferece novas oportunidades, mas não se preparou para garantir, a todos, as condições de vida digna e a possibilidade de preservar sua capacidade funcional pelo maior tempo possível”.

Martines (2008) define o envelhecimento como um processo no qual há um entrelaçamento de fatores biológicos, psicológicos, existenciais e sociais. Nesse sentido, Papalia (2006, p.51, *grifos da autora*) diz que,

os cientistas do desenvolvimento falam de modo distinto sobre *desenvolvimento físico, desenvolvimento cognitivo, e desenvolvimento psicossocial*. [...] contudo, esses aspectos ou domínios do desenvolvimento estão interligados. Durante toda a vida, cada um deles influencia os outros.

De acordo com a autora referida o desenvolvimento humano, as fases da vida, são construções culturais, portanto, variam de acordo com a cultura e sociedade, uma vez que “a cultura não é estática; ela está sempre mudando, muitas vezes, por meio do contato com outras culturas”. (p.57). No Brasil a pessoa é considerada idosa a partir dos sessenta (60) anos (BRASIL, 2017, art. 1º). Segundo Papalia (2006, p. 51),

não existe um momento objetivamente definível em que uma criança torna-se um adulto ou em que uma pessoa jovem torna-se velha. As sociedades do mundo inteiro reconhecem diferenças no modo como pessoas de diferentes idades pensam, sentem e agem, mas elas dividem o ciclo de vida de modos diferentes.

A autora complementa dizendo que “nas sociedades ocidentais industriais geralmente são aceitos oito períodos: Período Pré-natal; Primeira Infância; Segunda Infância; Terceira Infância; Adolescência; Idade Adulta Inicial; Meia-idade e Terceira idade”. (*idem*, p.51).

Compreendemos, portanto que o processo de envelhecimento biológico é inevitável e acontece desde que nascemos (CASTILHO, 2011). Sem distinção de raça, cor, localidade, posição social e/ou política (FREITAS; COSTA, 2012). “Precisamos também considerar os muitos fatores *ambientais* que influenciam as pessoas, especialmente os contextos mais importantes da família, do bairro, da condição socioeconômica, da etnicidade e da cultura”. (PAPALIA, 2006, p.55, *grifos da autora*). Visto que

[...] os seres humanos são seres sociais. Desde o início, desenvolvem-se dentro de um contexto social e histórico. Para um bebê, o contexto imediato normalmente é a família, mas a família, por sua vez, está sujeita as influências mais amplas e sempre em transformação do bairro, da comunidade, e da sociedade. (*idem*, p.55).

Para Capuzzo (2012, p. 22, *grifos nosso*), esse processo possui duas perspectivas:

A *perspectiva individual*, que não está restrita aos aspectos biológicos e que envolve os aspectos intelectuais, físico, espiritual e a *perspectiva social*, que está relacionada aos aspectos históricos, culturais, familiares. Os aspectos sociais implicam em uma maior longevidade ou não, ou seja, influenciam diretamente no envelhecimento biológico.

Com esta conceituação, percebemos que esse momento da vida do ser humano pode ser compreendido de forma individual, mas também em grupo, ou seja, socialmente. Em consonância com essa perspectiva,

a velhice não pode ser definida somente pela cronologia, mas sim pelas características anatômicas, funcionais, psicológicas e também pelas condições sociais dos indivíduos, uma vez que existem diferentes idades biológicas, as quais são distintas em indivíduos com a mesma idade cronológica (FERRARI, 1999, *apud* MACHADO; LUCAS, 2017, p. 577).

Em se tratando do envelhecimento físico/biológico ocorrem “alterações bioquímicas que levam a morte celular e ao conseqüente envelhecimento de uma forma geral” (CASTILHO, 2011, p. 16). Assim sendo, corroboramos com Taam (2012, p.1), que “envelhecer com dignidade exige um olhar de respeito da sociedade e consideração para as possibilidades dos que envelheceram”.

2.1.1 Envelhecimento físico: alterações corporais

O envelhecimento físico, ainda que não aconteça de forma igual e linear para todos, pode ser observado a partir das mudanças na estrutura corporal, pois, “é inegável que ao envelhecer o corpo se modifica, ocorrendo mudanças na pele, como a diminuição de colágeno, aumento de peso corporal e perda de massa óssea (CASTILHO, 2011, p. 16). Além de que,

comumente há uma redução da acuidade visual, redução da sensibilidade à luz, redução da visão periférica e, talvez, também algumas mudanças na visão cromática. A acuidade auditiva também declina [...] Há diminuição na capacidade pulmonar, no ritmo de trabalho, na capacidade cardíaca e no peso cerebral. Talvez, em decorrência desta combinação de mudanças físicas haja uma diminuição na velocidade de resposta. As pessoas idosas não podem fazer as coisas tão rapidamente como faziam antes.” (BEE, 1977, p.317; 322).

Certamente, em algum momento da vida essas mudanças físicas irão aparecer para todos, para alguns de forma mais nítida, para outros mais lentamente.

Algumas mudanças estruturais e sistêmicas podem tornar-se perceptíveis durante os anos intermediários. Na quinta e sexta década, a pele pode tornar-se menos tesa e lisa, pois os tecidos imediatamente abaixo da superfície perdem gordura e colágeno. Os cabelos podem tornar-se mais ralos, e mais grisalhos, pois a produção de melanina, o agente pigmentador, diminui. As pessoas transpiram menos à medida que o número de glândulas sudoríparas diminui. Tendem a adquirir peso, devido ao acúmulo de gordura corporal, e perdem altura devido à contração dos discos intervertebrais (MERRIL; VERBRUGGE, *apud* PAPALIA, 2006, p.593).

Essas alterações físicas muitas vezes são motivos de preocupações e mesmos gastos financeiros, com o intuito de tardar esse processo, visto que “em uma sociedade orientada aos jovens, sinais visíveis de envelhecimento, como rugas, costas encurvadas, “sinais de idade” e acúmulo de gordura da meia-idade podem ser perturbadores”. (PAPALIA, 2006, p.598, *grifos da autora*). A autora complementa dizendo que “a auto-estima sofre quando as pessoas desvalorizam seu ser físico. Por outro lado, o esforço para manter a juventude e o vigor podem ser positivos se não for obsessivo e se refletir a preocupação com a saúde e com a boa forma” (p.598).

Concordamos com Mosquera; Stobäus (2012, p.17) quando dizem que “qualquer pessoa é também responsável pelos seus hábitos mais saudáveis e, conseqüentemente, em certa medida, por seu próprio processo de envelhecimento maissadio”. Pois, como disse Papalia (2006, p.591)

algumas mudanças fisiológicas são resultado direto do envelhecimento biológico e da constituição genética, mas o acúmulo de fatores comportamentais e de estilo de vida, desde a infância, afetam a probabilidade, o momento de ocorrência e a extensão das mudanças físicas.

Portanto, mesmo que as mudanças físicas e biológicas aconteçam para todos a partir da concepção, elas são particulares, ou seja, são únicas para cada indivíduo, visto que, podem ser influenciadas por fatores sociais, familiares e econômicos. Há, também, o fato de que

as pessoas diferem em sexo, altura, peso e estrutura corporal; em fatores constitucionais como, saúde e nível de energia; em inteligência; em características de personalidade e reações emocionais. Os contextos de suas vidas e estilos de vida também diferem: os lares, as comunidades e as sociedades em que vivem, os relacionamentos que têm, os tipos de escola que frequentam (ou se estudam ou não), suas profissões e como desfrutam seu tempo de lazer. (PAPALIA, 2006, p. 54)

Outro fator que afeta o *envelhescente* é a “diminuição concreta de suas capacidades físicas, da possibilidade de doenças, do aumento da probabilidade de perdas de pessoas afetivamente ligadas ao sujeito, sobretudo seus pares” (SANTOS, 1994, p.125). Pessoas jovens também estão sujeitas a passar por estas mudanças e perdas, no entanto, têm se a ideia de que os *envelhescentes* estão mais próximos a isso, exatamente por já terem vivido mais, enfraquecido seu biológico, conseqüentemente seus pares e amigos mais próximos também, são pessoas mais velhas.

É evidente que todos irão envelhecer, no entanto, como essa etapa irá acontecer, a decisão de como viver esse momento, depende de cada indivíduo, de acordo com seus conhecimentos, crenças e possibilidades, tanto sociais quanto econômicas.

2.2 ENVELHECIMENTO SOCIAL

O envelhecimento, como discutido no início deste capítulo, pode ser compreendido a partir de duas perspectivas, a individual, a qual abriga o processo físico/biológico, e a perspectiva social. Ao discutirmos sobre o envelhecimento na perspectiva social levamos em consideração o fato de que “identidade nenhuma se forma por relações intrapessoais, do indivíduo consigo mesmo, numa experiência exclusivamente intrínseca e interior, mas sim no contato do sujeito com o mundo externo e ambiente que o cerca”(CALDAS; THOMAZ, 2010, p.79). Portanto, a forma de perceber o envelhecimento depende da sociedade em que o sujeito se encontra, por exemplo,

em alguns países da África os idosos têm ainda um papel de prestígio na medida em que são responsáveis pela salvaguarda dos valores tradicionais, eles são os "guardiões da herança coletiva". No Brasil, sobretudo nas zonas urbanas, há, no mínimo, uma grande ambivalência com relação aos velhos. Se, por um lado, acentua-se o respeito, a experiência e a sabedoria dos sujeitos idosos, por outro lado é a juventude, a força física, a saúde e o novo que merecem a valorização social. (SANTOS, 1994, p.123, *grifos do autor*).

De acordo com Castilho (2011), o que se tem percebido é uma tendência em estereotipar a pessoa velha, como alguém rabugento, excêntrico e doente, baseado, na maioria das vezes, apenas nas transformações físicas pelas quais os *envelhescentes* passam, visto que “a imagem do indivíduo é algo de notória importância desde o princípio dos tempos” (CASTILHO, 2011, p.21). Como sabemos “o corpo expõe claramente a chegada da velhice, pois além de tornar-se mais lento e suscetível a doenças, adquire rugas e perde a sua firmeza e vigor. Tal modelo de corpo não é considerado belo nesta sociedade; portanto, há uma perda de valor social” (CALDAS; THOMAZ, 2010, p.77). Assim sendo, Santos (1994, p.128, *grifos do autor*), diz que

a entrada na velhice é marcada por modificações subjetivas (sentimentos de inadaptação, incapacidade de produzir algo, falta de interesse pela vida etc.) ou, prioritariamente, pela sinalização dada pelo outro (infantilização, desprezo, desrespeito, incompreensão etc.).

É a partir da compreensão cultural do envelhecimento que essa imagem é definida, ou seja, cada cultura define sua forma de reconhecer e valorizar o *envelhescente*.

Logo, a indústria aproveita da definição de beleza cultural para explorar o mercado de produtos, conseqüentemente gera diversos estereótipos com o objetivo de vender mais produtos, “em consequência da escalada de uma lógica consumista em nossa sociedade, quando ser jovem, ativo e bem sucedido passou a ser o foco do mercado” (CALDAS; THOMAZ, 2010, p.77). Mas, também como discorrem as autoras acima, pode reconfigurar a percepção do envelhecimento à medida que colocam esse sujeito como uma pessoa que pode decidir o que quer, proporcionando a este sujeito a oportunidade de reconstruir sua identidade, pois “quando o velho se depara com uma determinada imagem social, ele é capaz de se apropriar de características que compõem esta imagem, modificando sua identidade pessoal” (*idem*, p.78).

Nesse sentido,

A idade toma-se, assim, ao mesmo tempo, uma realidade biológica e uma convenção sócio-cultural, onde a cada etapa do desenvolvimento correspondem papéis sociais específicos, valores e expectativas que têm uma grande influência sobre a percepção que tem o sujeito do mundo e sobre sua própria definição enquanto sujeito que interage com este mundo (SANTOS, 1994, p.123).

Castilho (2011) esclarece que os preconceitos com relação ao envelhecimento devem ser superados, visto que, a pessoa velha na atualidade já não condiz com esses estereótipos, uma vez que as possibilidades de participação social, bem como os cuidados com a saúde têm sido cada vez mais facilitadas.

Mas, essa é uma concepção construída ao longo dos séculos, visto que “as representações produzidas numa dada sociedade são conhecimentos compartilhados coletivamente e reconstruídos pelo sujeito nas relações que ele estabelece com os outros e com as instituições sociais” (*idem*, p.124). Assim sendo, esses estereótipos se intensificam com o desenvolvimento das tecnologias, as quais são muitas vezes mais acessadas pelos jovens. Vindo de encontro com essa concepção Goulart; Ferreira (2012), observam que as tecnologias ao invés de serem um fator de exclusão da pessoa velha devem servir como uma ferramenta de vivência social, visto que,

quando chegam à velhice, muitos sujeitos acabam perdendo os laços sociais que ao longo da vida cultivaram, com impedimentos de locomoção em virtude de comprometimentos físicos e de saúde. O uso das tecnologias, ainda que seja em casa, proporciona a diversificação das redes sociais através da interação e integração com diferentes pessoas, serviços e lugares, tornando-se um meio eficiente de comunicação. (p.25)

Portanto, esta pode e deve se tornar mais uma forma de inclusão, de olhar para o envelhecimento, não como um momento de declínio, pois embora o envelhecimento interfira no físico e biológico das pessoas, fazendo com que os *envelhescentes* “possam levar um pouco mais de tempo do que pessoas mais jovens para processar novas informações, elas mais do que compensam quando resolvem problemas em suas áreas com o julgamento desenvolvido a partir da experiência” (PAPALIA, 2006, p.610).

Para isso, é necessário que o próprio sujeito *envelhesciente* se valorize, se reconheça como produto e produtor da cultura da sociedade da qual faz parte, pois, “a identidade se consolida na percepção que tem o sujeito de seu poder sobre si, sobre os outros e sobre os acontecimentos” (SANTOS, 1994, p.125). Assim, se o sujeito tem uma percepção positiva a respeito de si, irá transmitir esse sentimento aos outros, provocando o reconhecimento e a valorização de sua imagem física e de sua identidade pessoal.

O contrário também pode acontecer, como disse Santos (1994, p.126)

Se a identidade pessoal se constrói no jogo das relações sociais, uma representação social negativa do grupo ao qual o sujeito pertence poderá fazer eclodir uma representação negativa de si mesmo. Por consequência, pode-se supor que uma

representação negativa da velhice atinge certas dimensões da identidade pessoal, tais como: a dimensão valor, a dimensão autonomia e a dimensão poder.

Portanto, é necessária atenção, pois se o sujeito perde seu valor social e sua autonomia, conseqüentemente ele passará a ver a velhice apenas como um momento de perdas e de dificuldades, prejudicando suas relações consigo e com os outros.

Decerto,

devemos observar que imagem social estamos disponibilizando e oferecendo aos idosos, para que na sua reprodução, ela não seja a transmissão de caracteres preconceituosos e limitadores e para que ela possa promover uma subjetividade mais rica e com maior número de possibilidade aos idosos.

Assim sendo, concordamos com Freitas e Costa (2012, p.48), quando dizem que “Velhice e longevidade não devem ser vistas como um problema, mas como uma oportunidade e um desafio para todos, tanto para o indivíduo em fase de envelhecimento e sua família como para a sociedade”.

2.2.1 *Envelhescente*: uma definição para meia-idade

Ao estudarmos sobre o processo de desenvolvimento humano, percebemos algumas nomenclaturas para definir o período de envelhescência/meia-idade. Dentre os mais usados, destacamos: adulez (BERGER, 2017); meia-idade (PAPALIA, 2006) e envelhescência (PRATA, 1997). Há, também, uma diferença na definição da data exata em que se inicia esse período, alguns começam a contar a partir dos 40 anos de idade, outros a partir dos 45. De acordo com Antunes; Silva (2013, p.126) “a classificação etária proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), considera na meia-idade pessoas com 45 a 59 anos.” No âmbito desta monografia, escolhemos o termo *envelhescente* para falar sobre as pessoas com idade entre 45 a 60 anos de idade. Destacamos que em alguns momentos aparecerá a nomenclatura meia-idade, pois traremos as citações na íntegra, assim não poderíamos modificar o termo utilizado pelos estudiosos que embasam nossa pesquisa.

Para o escritor Mario Prata (1997, p.07), “a envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim como a adolescência é uma preparação para a maturidade”. De acordo com Papalia (2006, p.589) “até pouco tempo, a meia-idade era o período menos estudado do ciclo da vida. [...] Agora que a geração nascida no pós-guerra está na meia-idade, a pesquisa sobre esse período está se intensificando”. Talvez, por este motivo encontramos poucas pesquisas que se debruçam sobre este período da vida humana. Há

muitos estudos acerca da infância e da velhice, no entanto sobre este espaço entre estas duas fases ainda são poucos.

Outro fator disposto como um dos motivos para a escassez de estudos sobre a envelhecimento pode ser a implicação “em questionar antigas certezas que afirmam esse momento da vida como uma idade sem problemas, marcada pela estabilidade familiar, profissional e financeira, a partir de um conceito estático e linear.” (ANTUNES; SILVA, 2013, p.126).

No entanto, observamos que como o desenvolvimento humano, ou melhor, a divisão das fases é uma construção cultural e social, nem todas as sociedades as dividem assim, em infância, adolescência, meia-idade e velhice. Mesmo sabendo que esse desenvolvimento não é igual para todos, e que também não acontece de forma linear, acreditamos que

não deve ser negada ou relativizada, tendo em vista a importância dessa divisão de grupos de idade na organização da sociedade em que vivemos. A compreensão da relação entre grupos de idade e a constituição da identidade etária pode ser um material privilegiado para uma reflexão da produção e reprodução da vida social. (MAGRO, 2003, *apud* ANTUNES; SILVA, 2013, p.127).

Portanto, percebemos que esta é uma fase que, também, requer atenção, pois trata-se de,

um período movimentado, às vezes estressante. Ela costuma ser repleta de muitas responsabilidades e de múltiplos papéis – responsabilidades e papéis que a maioria dos adultos sente-se competente para enfrentar: administrar lares, departamentos ou empresas; lidar com a independência dos filhos; talvez cuidar de pais idosos, ou iniciar novas carreiras. (PAPALIA, 2006, p. 590).

Sabemos que esta pode ser uma época de dúvidas, de reavaliação do que já se viveu e do que ainda está por vir. Assim como disse Papalia (2006, p.590), “essa pode ser uma época para fazer um balanço, para reavaliar objetivos e aspirações – e o quanto elas foram realizadas – e decidir como melhor utilizar a parte restante do ciclo de vida”. Complementamos com uma fala da mesma autora ao dizer que “muitas pessoas de meia-idade encontram emoção e desafio nas mudanças de vida – iniciando novas ocupações e lançando os filhos adultos – enquanto algumas enfrentam a necessidade de cuidar de pais idosos”. (*idem*, p. 54).

Desta forma, caracterizamos a envelhecimento a partir da concepção elencada por Antunes; Silva (2013, p.132), ao dizer que este período é marcado

por um lado, pela perda da energia física e da capacidade de locomoção, cansaço, fadiga, diminuição da força e falta de condicionamento físico. Por outro, ganhos como aumento de conhecimentos, experiência de vida e aprendizagem que acompanharão essa pessoa em sua velhice.

Assim, não temos a intenção de definir este período como um momento de perdas e dificuldades, mas sim de mudanças. Como falamos anteriormente, durante o processo de envelhecimento o corpo muda, e assim tanto seu desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial se alteram. Sendo que,

pode ocorrer alguma deterioração das capacidades sensoriais, da saúde, do vigor e da destreza. Para as mulheres, chega a menopausa. [...]A maioria das capacidades mentais atinge o máximo; a perícia e as capacidades de resolução de problemas práticos são acentuadas. O rendimento criativo pode diminuir, mas melhora em qualidade. Para alguns, o êxito na carreira e o sucesso financeiro alcançam o máximo; para outros, pode ocorrer esgotamento total ou mudança profissional. [...]O senso de identidade continua se desenvolvendo; pode ocorrer uma transição de meia-idade estressante. A dupla responsabilidade de cuidar dos filhos e dos pais idosos pode causar estresse. A saída dos filhos deixa o ninho vazio. (PAPALIA, 2006, p.53).

Percebemos que as mudanças sempre vão acontecer, não significando que elas serão ruins, ou seja, “o significado da meia-idade varia com a saúde, com o gênero, com a etnicidade, com a condição socioeconômica, com a coorte, e com a cultura” (*idem*, p.590). Nesse sentido, o contexto socioeconômico pode influenciar como cada sujeito vivencia esse período, pois “conforme as condições de vida, cada pessoa tem maior ou menor possibilidade de conservação da saúde, aquisição de cultura e fruição dos bens, serviços e possibilidades de bem-estar social e individual” (ANTUNES; SILVA, 2013, p.128).

Ao falar sobre as condições de vida que interferem no envelhecimento, as autoras destacam que,

um homem de classe mais abastada pode ter 50 anos cronologicamente, mas sua idade biológica pode ser de 45 ou menos, se ele utiliza os meios de que dispõe para conservar sua saúde. Assim como pode ser considerado jovem como acontece com muitos atores e atrizes e galãs de cinema que com essa idade fazem papéis de jovens enamorados; ou esportistas, políticos, ou empresários, em plena vitalidade e atividade. Ao contrário, um trabalhador assalariado de 50 anos, no meio rural, pode ter biologicamente idade muito avançada, devido ao desgaste produzido pela vida e o trabalho adverso, assim como socialmente já é considerado um velho trabalhador sem força e capacidades produtivas (ANTUNES; SILVA, 2013, p.128).

Aqui, encontramos uma observação acerca do valor social destinado as pessoas velhas, definindo-as apenas pela força de trabalho e produção, definição influenciada pelo capitalismo instalado em nossa sociedade, o qual desvaloriza os conhecimentos adquiridos a partir das experiências vivenciadas ao longo dos anos, em detrimento da quantidade de trabalho produzido. Levando em consideração apenas o lucro gerado com o trabalho sem pensar no bem-estar dos sujeitos envolvidos. Por este motivo tantos trabalhadores têm

adoecido físico e mentalmente, como é o caso da Síndrome de *Burnout*, a qual tem afetado muitos profissionais que lidam com outras pessoas.

Quando se trata do professor universitário *envelhescente*, observando todas essas mudanças pelas quais o ser humano passa, e as exigências do mercado de trabalho, que tem levado grande quantidade de profissionais ao adoecimento e afastamento laboral, compreendemos que este é mais um que está sujeito a adoecer, visto que ele “é permanentemente avaliado, desde o ingresso na carreira, através de avaliações sistemáticas para a ascensão profissional, da submissão de trabalhos em eventos e da apresentação de projetos e de relatórios de atividades de pesquisa” (CARLOTTO, 2004, p.147). Sendo que, nem sempre estes professores recebem o apoio para o desenvolvimento de todas estas atividades e exigências destinadas a eles. Assim, “resta aos professores desenvolverem suas próprias condições de trabalho, combinando competição, empreendedorismo, e voluntarismo” (BOSI, 2007, *apud* LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p.69).

Na busca de superação do adoecimento mental, em destaque a Síndrome de *Burnout*, concordamos com a sugestão de Knoop (1994, *apud* PAPALIA, 2006, p.606), quando diz que

as medidas que parecem ajudar profissionais esgotados incluem redução das horas de trabalho e utilização de períodos de descanso, incluindo longos fins de semana e férias. Outras técnicas básicas de redução de estresse – exercício, música, e meditação – também podem ajudar. Contudo, o modo mais eficaz de aliviar o estresse e o esgotamento pode ser mudar as condições que o causam, garantindo que os empregados tenham oportunidade de realizar um trabalho que lhes seja significativo, fazer uso de seus talentos e de seu conhecimento e proporcionar um senso de realização e de auto-estima.

Naturalmente, a superação, ou ao menos o tratamento não depende apenas de uma esfera, como já enfatizamos, mas deve ser uma parceria, o professor e as políticas públicas em conjunto, com o objetivo de proporcionar resultados satisfatórios, tanto para este profissional quanto para os alunos. Consequentemente, beneficiando toda a sociedade.

3 A PESQUISA: O DESVELAR DA IDA À CAMPO

Na seção que se segue, apresentamos o desenvolvimento e a análise da pesquisa de campo (TRUJILLO, 1982, *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003), para a qual adotamos uma abordagem qualitativa (BOGDAN, 1994). A pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar se os referidos professores percebiam diante das características que podem levar à Síndrome de *Burnout*. Esta seção, em especial, busca compreender como o professor percebe seu processo de envelhecimento e as características da síndrome de *Burnout* diante das exigências de sua profissão.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1.1 Participantes da Pesquisa

A pesquisa, realizada no segundo semestre de 2019, investigou professores da Universidade Federal do Tocantins, atuantes no curso de Pedagogia do Campus de Palmas e, também, nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, com idade acima dos 45 e menos de 60 anos de idade, aqui denominados de *envelhescentes*, excluindo aqueles que estavam licenciados para capacitação ou afastados por problemas de saúde no momento desta pesquisa.

No início desta pesquisa, o corpo docente atuante no curso de Pedagogia e, também, nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional era composto de 12 professores. Desse total, a partir do corte de idade e excluindo os que estavam afastados, 7 docentes foram convidados e aceitaram participar. As idades dos entrevistados variam entre 46 e 59 anos. A maioria é de mulheres, sendo apenas dois homens. Todos possuem doutorado. Quanto ao tempo de serviço na docência, todos atuam há mais de 21 anos.

Para descobrir o número de professores que poderiam participar da pesquisa, enviamos um *email* para a coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional da Universidade Federal do Tocantins. Nesse *e-mail*, foi explicado sobre o tema da pesquisa e a importância desse trabalho, bem como o sigilo dos dados.

Como tínhamos contato direto com os professores, no decorrer do curso, decidimos abordá-los pessoalmente, explicando-os, também, sobre o tema da pesquisa e a importância desse trabalho e o sigilo dos dados. Quando os professores aceitaram participar, marcamos com eles o melhor local, data e horário para realização da entrevista, a qual aconteceu em

diferentes ambientes, atendendo a disposição dos participantes. O instrumento utilizado para gravar as respostas foi um aparelho celular Samsung J1, na opção gravar áudio. Todos os participantes aceitaram a utilização do instrumento referido. No ato da entrevista, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFT (CEP/UFT). Número do Parecer, 3.452.123, 2019. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), 12092119.1.0000.5519.

3.1.2 Procedimento para coleta e análise dos dados e informações

A coleta dos dados ocorreu de modo presencial individual, entre os meses de setembro e outubro de 2019. Para isso, utilizamos uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), composta de 13 perguntas, dividida em duas partes: a primeira com informações pessoais como idade, sexo, formação e tempo de serviço na docência e, a segunda parte dividida em 3 categorias, a saber: trabalho, Síndrome de *Burnout* e envelhecimento.

O roteiro da entrevista foi construído por nós, tendo em vista que não utilizamos a Escala de Maslach¹ (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009; CODO; VASQUES-MENESES, 1999), uma vez que ela é aplicada em um número grande de indivíduos, portanto precisaríamos de um tempo maior para este estudo, o que não temos, visto que esta é uma pesquisa de graduação. Outro ponto seria o fato de que este escrito se trata de uma pesquisa qualitativa, e não quantitativa, como esclarecemos anteriormente.

A análise dos dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, de acordo com os três pólos cronológicos definidos por Bardin (2004): a Pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Para tanto, após realizar as entrevistas, as transcrevemos na íntegra, e definimos quais os documentos iríamos utilizar nas fases posteriores. Em seguida, organizamos os resultados das entrevistas separando-os nas categorias trabalho, Síndrome de *Burnout* e envelhecimento. Com o intuito de adentrarmos na parte que segue, a inferência e interpretação dos dados levantados durante todo o processo.

¹ A Escala de Maslach ou Maslach Burnout Inventory (MBI) foi o primeiro instrumento de avaliação de incidência da Síndrome de *Burnout*, elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson em 1978. Esta escala é composta por 22 itens/perguntas, correspondendo às três dimensões do *burnout*: Exaustão Emocional; Despersonalização; Baixa Realização Profissional. (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009; CODO; VASQUES-MENESES, 1999).

3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.2.1 Categoria trabalho

Em se tratando do relacionamento com sua profissão, a maioria dos professores respondeu que possui uma relação positiva com sua profissão, sendo que 5 dos entrevistados afirmaram ter um bom relacionamento e gostarem do que fazem. Apenas 1 disse que, apesar de gostar de sua profissão, percebe uma desvalorização social e financeira, e outro respondeu que sua profissão depende do outro e não apenas dele, como podemos verificar nas falas que seguem:

Ah, Eu, eu... Dentro do possível me relaciono bem com a profissão, porque eu gosto, né? Então, eu posso dizer que eu me relaciono bem porque eu gosto, gosto de ser professora, é... só acho... eu fico descontente porque eu acho que nós somos desvalorizadas tanto socialmente quanto financeiramente. Mas, eu gosto da minha profissão. (prof. 01).

Então, minha profissão é uma profissão de interação humana, a gente lida com pessoas, por isso ela é uma relação de constante negociação com as pessoas, não só daquilo que eu transmito, mas de como a pessoa também se percebe nesse trabalho, porque o trabalho educativo é um trabalho que depende do envolvimento do aluno. Não é um trabalho unilateral, então o que eu transmito de conhecimento depende do que o outro está aprendendo ou não, é preciso essa interação. (prof. 05).

A fala da prof. (01) pode ser comparada ao que disseram Odelius e Ramos (1999, p.386):

Há uma desvalorização da profissão professor. Não é mais tão bonito, não é mais tão indicado, tão almejado, não é mais motivo de orgulho para os pais. A sociedade diz: estude, forme-se, até se pós gradue, mas saia para o mercado de trabalho e ganhe dinheiro, depois vá ao shopping e compre, gaste. O professor não ganha dinheiro, consequentemente não tem como gastar. Por está razão não está entre as profissões almejadas, apesar de continuar sendo um trabalho interessante, importante, desejado.

Toda esta situação, de acordo com as autoras referidas, leva a competitividade exacerbada, individualismo e esfacelamento das relações de solidariedade. O que pode provocar estresse no ambiente de trabalho, consequentemente, ao adoecimento profissional. Nesse sentido, “os professores voltam-se uns contra os outros, aprofundando o individualismo, neutralizando a mobilização coletiva. Um exemplo cada vez mais evidente no contexto universitário atual é a disputa individual, e não da unidade acadêmica.” (SANCHEZ; SANCHEZ; BARBOSA; GUIMARÃES; PORTO, 2019, p.4112).

Na questão sobre o afastamento do trabalho devido questões de saúde, todos os entrevistados responderam não terem se afastado por essa razão. No entanto, percebemos contradição em algumas respostas, pois, ao continuarem falando, declararam algum afastamento, ainda, que não por muito tempo,

Afastamento formal eu só tive por conta da gravidez, mas uma hora ou outra eu deixo de cumprir as minhas tarefas por questão de saúde sim. (prof. 01).

Não, não, por muito tempo não. Tive alguns afastamentos, mas assim pra fazer cirurgias de quinze dias, nos últimos quatro anos eu fiz duas cirurgias e tive afastamentos, mas foi afastamentos curtos de quinze, vinte dias, um mês no máximo. (prof. 03).

Quando perguntamos aos entrevistados sobre os principais motivos de afastamento de professores do trabalho, percebemos distinções nas respostas, indo desde indicação de que as mulheres adoecem mais, devido gravidez, maiores atribuições, competitividade no ambiente laboral, até esgotamento físico, profissão estressante, falta de lazer que interfere na qualidade de vida, pouco tempo de descanso, esgotamento emocional, acúmulo de atividades, afastamento para estudar fora, depressão, cansaço, tristeza, angústia e decepção.

No caso das... Eu acho que as mulheres se afastam mais, por conta das atribuições que são maiores, atribuições pessoais, atribuições em família, atribuições com filho. Eu, eu penso que por conta da competitividade do nosso mundo, porque aqui dentro é muito competitivo, não é uma competição é uma competitividade, e nisso eu acho que a mulher sai perdendo, e eu penso que a mulher adoeca mais do que o homem, nesse caso. (prof. 01)

Dos professores? Às vezes, na maioria das vezes é esgotamento físico, é o cansaço, mas principalmente não só por conta que a profissão é rotineira e estressante, mas também porque os professores não tem outras opções de descanso, de lazer, de qualidade de vida melhor. (prof. 02)

Ah, eu tenho, eu tenho lido e ouvido que há muitos problemas emocionais, psicológicos, esgotamento emocional, isso tem levado a afastamento de professores. (prof. 03)

Pelo menos na nossa área, no espaço onde eu estou no ensino superior muitas vezes pelo acúmulo de atividades, há coincidências de outros eventos acadêmicos, atividades, em outros municípios ou em eventos maiores, geralmente o mais difícil é a gente equilibrar as demandas que são todas de docência com a rotina, com o cotidiano e com a importância que tem a sala de aula. (prof. 04)

Eu penso que tem mais a ver com as condições de local de estudo, que não tem para todos os professores na mesma cidade, né? Outros colegas se afastam mesmo por algum motivo de saúde, de doença. É raro caso de colega que se afasta por motivo pessoal, porque não queira trabalhar. (prof. 05)

A maioria é a questão da depressão, o cansaço, problemas de saúde. (prof. 06)

Talvez tristeza, insatisfação, decepções, angústias. Talvez a profissão não seja o que ele goste, tenha se decepcionado, infelizmente. (prof. 07)

Observamos em algumas respostas uma referência às características que podem levar a Síndrome de *Burnout*, como o esgotamento emocional, tristeza, angústia e outros. Percebemos, também, na fala da prof. 1, uma relação com o que diz Santos (2012, p.232, *grifos do autor*) a respeito da precarização do trabalho docente,

nesse contexto, de forma compatível com o ideário neoliberal, a ética individualista e a competitividade são reforçadas mediante “a aquisição/o acúmulo de competências” que (supostamente) garantam a “empregabilidade”, em tempos de desemprego e de exclusão para a maioria. A lógica do mérito e da competência se alastra vertiginosamente, sendo a competição uma prática bastante comum na condução de todo esse processo.

Quanto as políticas públicas de valorização do professor, os participantes foram unânimes em destacar o pouco empenho do sistema em implementar políticas reais de valorização docente. Destacaram que aliada a desvalorização da categoria, há um alto volume de trabalho não propiciando qualidade de vida, levando, conseqüentemente, a Síndrome de *Burnout*, pois não há incentivos a esse profissional, “falta condições de trabalho, falta condições salariais e falta condições pra pesquisa que é a essência do nosso trabalho.” (prof. 04).

Nesse sentido, Sanchez; Sanchez; Barbosa; Guimarães e Porto (2019, p. 4112), reforçam:

Vários são os fatores que tornam a função de docente universitário propensa a doenças de cunho psicoemocional ou psicossomático, tais como as exigências referentes à alta produtividade científica, necessidade de constante atualização pela participação em congressos/ bancas, as longas jornadas de trabalho, inclusive nos finais de semana e feriados, falta de equipamentos e condições de trabalho, além do estresse tecnológico (caracterizado como uma reação do organismo com componentes psicológicos e físicos).

Para a prof. 03, o que se pode observar, nos últimos anos, é um retrocesso em relação às políticas públicas para o ensino superior, como veremos em sua resposta,

Bom, as políticas públicas educacionais no Brasil elas, elas... podemos dizer que elas tiveram um período de grande efervescência, de políticas... de diversas políticas públicas na área da educação principalmente no ensino superior, nós tivemos aí um momento em que a Universidade passou por, por momentos assim, não diria de valorização, mas assim, com um pouco mais de investimentos, e acho que aquele momento foi muito importante pra nós professores, no sentido da gente se sentir um pouco mais contemplado, [...] Podemos dizer que nós, que nós nesse período não

tivemos grandes conquistas assim, mas a Universidade tava sendo de certo modo reconhecida pelo governo federal nas suas políticas. Mas essa não é a realidade hoje, a realidade é que de uns quatro anos pra cá a gente tem vivido grandes retrocessos, grandes retrocessos e acredito que isso tem afetado muito a nossa condição de professor.

Com tudo isso, a professora referida, demonstra insegurança em relação ao futuro profissional, como veremos a seguir, o que pode se tornar um dos estressores da Síndrome de *Burnout*.

Eu por exemplo me sinto extremamente abalada com, com... com os noticiários, com aquilo que eu vejo em termos da política como um todo, mas também das políticas educacionais, os retrocessos, isso tudo deixa a gente... a gente imaginar que um período atrás nós estávamos aí lutando pra conquistar, lutando pra ampliar algumas políticas que já tinham sido implementadas, e hoje nós estamos lutando pra não perder aquilo que a gente tinha e isso tudo é muito desanimador. (prof. 03)

Para a prof. 07, a desvalorização se dá pela falta de unidade da própria categoria,

Eu acredito que nós mesmo como professora a gente não tem às vezes a própria valorização, nós não temos uma unidade, nós não temos um grupo que fortaleça. Os próprios professores entre si não há uma unidade, há muita concorrência entre si, não há união, não há um bem comum, então a fraqueza já começa em ausência de unidade de força entre os próprios professores, é muita competição, não há união. Então, pra mim fala há falta de política pública, acredito que seja falta também de muita ética e de dignidade dos próprios professores, daí também consequentemente lógico que as políticas públicas também precisam se fortalecer.

Essa falta de unidade, também, pode se tornar um dos estressores que levam a Síndrome de *Burnout*, como destacou Carlloto (2002, p.25) “o isolamento social e a falta de senso de comunidade que, geralmente, estão presentes no trabalho docente, tornando os professores mais vulneráveis ao burnout.”

3.2.2 Categoria Síndrome de *Burnout*

Para compreender qual a percepção dos professores sobre a síndrome de *Burnout*, começamos perguntando aos entrevistados se eles já ouviram falar sobre esta síndrome, e todos foram unânimes e responderam que ‘sim’, sendo que uma das professoras acrescentou, “inclusive eu estou com uma aluna que está com essa Síndrome.” (prof. 06).

Com estas respostas, percebemos que “Burnout não é um fenômeno novo; o que talvez seja novo é o desafio dessa categoria profissional em identificar e declarar o estresse e o burnout.” (CARLLOTO, 2002, p. 27), consequentemente, prejudicando o diagnóstico e

tratamento destes profissionais, acarretando o afastamento, ou prejudicando a atuação em sala, visto que “o professor acometido pela síndrome tem dificuldade de envolver-se, falta-lhe carisma e emoção quando se relaciona com estudantes, o que afeta não só a aprendizagem e a motivação dos alunos, mas também o comportamento destes” (CARLLOTO, 2002, p.27).

Na sequência, perguntamos aos professores se eles já se perceberam com alguma das características dessa Síndrome, e quatro declararam que sim, em alguns momentos, se percebem com algumas características que se não tratadas podem levar ao *burnout*, tais como cefaléia crônica, cansaço, estresse, ansiedade, sensação de não produzir nada, lapsos de memória e pouco sono. Dos demais, dois responderam que não se perceberam com nenhuma das características, e um disse que atualmente não se percebe com nenhuma das características, mas reconheceu que o contexto atual tem influenciado o surgimento dessa síndrome, como veremos em sua resposta,

Veja, é uma síndrome que tem a ver com a qualidade de vida no trabalho, mas eu penso que o contexto social, cultural, político, ele... no caso que a gente ta vivendo hoje ele influencia para que aconteça esse sinais de Síndrome de *Burnout*.
 Você já se percebeu com algumas dessas características?(pesquisadora)
 Atualmente não, mas eu percebo que há um desanimo, né? entre os colegas, uma falta de perspectiva, né? na sua... na construção da sua carreira, por conta das políticas que a gente ta vivendo, das políticas de desvalorização do profissional da educação, então isso... isso pode sim acarretar problemas como a Síndrome de *Burnout*. (prof. 06).

A fala em destaque nos remete ao que disseram Faria e Camargo (2020, p.75): “a atual situação da carreira do magistério, o desprestígio e a desvalorização social revelam a fragilidade dessas relações na atualidade, conduzindo cada vez mais o professor ao esgotamento físico e emocional decorrente de sua prática profissional.” Complementamos com a citação de Sanchez; Sanchez; Barbosa; Guimarães; Porto (2019, p.4119), quando dizem que,

outro fator que pode estar ligado à ansiedade está relacionado à precarização e organização atual do trabalho docente, os quais os expõem a conflitos e tensões da cotidianidade do trabalho que emergem complexos movimentos de fuga, mas também de enfrentamento e ruptura, os quais promovem o dissenso, ligados ao compromisso social coletivo e o devido reconhecimento dos direitos fundamentais de todo e qualquer ser humano à cidadania e de receber educação de qualidade, enquanto padecem com a falta de reconhecimento governamental, social.

Ao retornarmos a uma das respostas dos outros entrevistados, sobre a sensação de não produzir nada, percebemos claramente uma das dimensões da Síndrome de *Burnout*,

a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, experimentando um declínio no sentimento de competência e na sua capacidade de interagir com as pessoas. (CARLLOTO, 2011, p. 404).

Observamos, também, nas respostas, uma forte relação com a dimensão exaustão emocional. Esse resultado merece atenção, visto que apenas características da despersonalização² não foram identificadas, o que não significa que não existam, pois como disseram Lima; Oliveira; Silva e Emérito (2009, p.08), há algumas explicações para as características de despersonalização não serem verificadas nas entrevistas, tais como o fato de que a despersonalização é a última que se estabelece, e também dificuldades culturais em externar essas características, pois,

de forma geral, é socialmente aceito que o indivíduo sinta-se exausto em função do trabalho, pois isso pode ser resultante de muita dedicação e esforço, sendo, até mesmo, reforçado pelo corpo diretivo. No entanto, tratar o outro como objeto, com frieza, sendo indiferente a ele não corresponde às expectativas da sociedade.

Com relação à terceira pergunta desta categoria, sobre como é visto o professor que, diante de possíveis doenças, tem um afastamento prolongado do trabalho (mais de 6 meses), identificamos um misto de solidariedade e preocupação por parte dos entrevistados, pois eles entendem que isto é uma tristeza, causa um rompimento nos vínculos entre professor e aluno. De acordo com a prof. 03, neste caso, o professor deve ser visto

como alguém que tá precisando desse tempo. De alguém que, ah... que o trabalho pra ele naquele momento tá sendo muito pesado, muito desgastante e ele precisa daquele tempo. Bom, pelo ao menos é assim que eu vejo. E de fato às vezes o trabalho tem essa... nos coloca na situação, você ficar esgotado. Geralmente final de semestre, isso a gente ver mais ocorrer nos final de semestre tá todo mundo assim esgotado. Tem muitos colegas que acabam entrando mesmo assim em estresse total, esgotamento físico e mental muito forte[...].

No entanto, de acordo com alguns dos entrevistados, o que acontece na realidade é um julgamento por parte da sociedade, como podemos observar em suas falas,

Ele é visto com discriminação. A nossa sociedade, entende que o trabalho é um trabalho escravizado, então nós não temos o direito de adoecer, nós não temos o direito de ter questões pessoais a serem resolvidas, digamos assim. O professor que adocece, em especial, a mulher, é mal visto. Eles acham que nós não temos esse direito, ele acaba sendo penalizado. (prof. 01).

²A Despersonalização ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, os colegas e a organização de forma distante e impessoal (CARLLOTO, 2011, p.404).

Dependendo da dimensão que ele... como ele encara isso, como ele trata isso, muitas das vezes tem um certo juízo de valor negativo esse professor que se afasta muito tempo do trabalho e com essa é...alegação de que ele está doente, mas que não tem uma doença tipicamente como a doença física crônica conhecida e mais comum. (prof. 02).

Particularmente eu nunca tive assim... nós tentamos nos ajudar, tentamos ser compreensivos, mas é também natural do ser humano julgar, então sempre há julgamento, porque sempre há pessoas que se utilizam desses artifícios também. A nossa realidade, a minha realidade no curso de Pedagogia, pelo ao menos por onde eu passei, por onde eu vejo é que isso não é tão forte, não é tão intenso, os professores se esforçam, se ajudam, e principalmente com relação aos alunos eu não vejo isso como um problema. (prof. 04).

Com relação ao exposto, Codo; Vasques-Menezes e Verdan (1999, p.326) observam:

nossa sociedade vive um movimento muito particular com relação à educação, valorizando-a no discurso e desvalorizando-a na prática, quer através do tratamento precário que o Estado lhe reserva, vide os salários dos professores, quer porque através da crise de emprego e das modificações do trabalho o diploma deixou de ser um salvo conduto para uma vida melhor.

Assim, salientamos a necessidade de valorização do trabalho docente, uma vez que, quando o professor sente que seu trabalho não é valorizado, perde a vontade de continuar, passa a pensar que não escolheu a profissão certa, começa a pensar em desistir ou mudar de profissão, e se não muda já não consegue exercer seu trabalho com a mesma vontade de antes, o que prejudica a si mesmo, levando a possíveis adoecimentos e, também, prejudica quem depende de seu trabalho, por não perceber o mesmo empenho no cumprimento das atividades.

3.2.3 Categoria envelhecimento

Nesta categoria, buscamos compreender como os professores percebem seu processo de envelhecimento. Para isso, começamos perguntado se eles imaginam que as mudanças geradas pelo processo de envelhecimento podem de alguma forma colaborar com o aumento das características da Síndrome de *Burnout*. Encontramos uma divisão nas respostas, sendo que uma das entrevistadas relacionou as perdas, principalmente, pelo julgamento social sobre o envelhecimento.

Eu acho que sim, porque não é fácil envelhecer, não é fácil envelhecer na nossa sociedade, e no caso por ser mulher é mais difícil ainda, porque envelhecer é... significa você ter um outro tipo de beleza. As pessoas não entendem que envelhecer significa continuar aprendendo, muita gente acha que porque você ta envelhecendo você deixou de aprender, ou você deixou de se atualizar, você não é uma pessoa moderna mais, então eu acredito que influencie diretamente. (prof. 01).

Três dos entrevistados, responderam que sim, as mudanças geradas pelo processo de envelhecimento podem de alguma forma colaborar com o aumento das características da Síndrome de *Burnout*.

Depende, se ele não tiver qualidade de vida e se ele não tiver uma boa... um bom acompanhamento físico, neurológico e emocional, se tiver eu acho que o envelhecimento por si só não leva ao *Burnout*, porque o *Burnout* não é uma questão eminentemente física, ela é muito mais psicológica e emocional e afetiva com o trabalho com as pessoas e com as condições de vida que a pessoa tem. (prof. 02)

Eu acho que sim, porque geralmente nós, a minha geração ainda tem muita dificuldade de trabalhar no sentido duma... de um envelhecimento saudável, a gente ainda cuida pouco da atividade física, a gente ainda adia as idas ao médico, então os problemas do envelhecimento eles já virão com naturalidade, e soma-se a isso as questões de trabalho que já são comuns como eu disse nas questões anteriores, né? de falta de condições de trabalho, de estresse e ansiedade por conta das atividades que tem tempo para serem feitas, então eu acho que por mais que a gente se esforce pra que isso não aconteça eu acho que o envelhecimento é mais um fator, então a gente tem que ficar atenta. (prof. 04)

Imagino que com o envelhecimento as pessoas poderão ter a Síndrome e a depressão alteradas, porque é um momento em que a saúde já não é tão boa, é um momento em que a paciência vai diminuindo. (prof. 06)

Outra entrevistada respondeu que “se a pessoa não compreende seu próprio envelhecimento, se a professora não compreende suas perdas e seus ganhos na velhice, sim. Se ela não compreende o que está acontecendo isso pode afastá-la e pode ser um prejuízo pra sua profissão, pra própria pessoa” (prof. 07). Os outros dois disseram que não. Para um deles o envelhecimento,

não é um problema de saúde. Envelhecer é uma condição humana, então pelo fato de ficar velho que estou susceptível a doença, mas como que eu fico velho, ou seja, é... a... o ambiente de trabalho ele tem mais influencia pra definição de doenças do que a própria condição de envelhecimento humano. (prof. 05)

Para a outra, o envelhecimento pode ser visto como um momento de amadurecimento,

Não, não. No meu caso como eu disse na resposta anterior eu acho que tem melhorado, por exemplo, nesse processo de envelhecimento eu tenho amadurecido mais e conseguido lidar melhor com algumas coisas que antes eu era muito mais ansiosa, então eu ficava muito mais, é, é... digamos assim, deixa eu ver como é que eu falo... eu ficava, eu me... eu sentia mais, meu corpo sentia mais, porque assim tem uma coisa que é você se sentir pressionada e isso tudo é sintomático, você sentir o corpo respondendo aquilo, então eu sentia muito isso, tanto que eu, eu... as duas últimas cirurgias que eu fiz, eu fiz uma cirurgia de vesícula e pedra nos rins e eu digo que isso é fruto do ritmo que eu tinha de vida, então eu acho que hoje eu to um pouco

mais amadurecida, consigo lidar melhor com algumas coisas do trabalho, apesar de as vezes me sentir muito angustiada com algumas coisas, mas eu acho que o contexto político hoje, um contexto mais externo à Universidade que afeta diretamente a Universidade deixa a gente muito mais tenso do que propriamente as questões do trabalho, as demandas do trabalho. (prof. 03)

A professora (03) complementa sua resposta falando sobre as políticas de (des) valorização da categoria, que para ela, afetam diretamente a saúde do professor, como veremos,

a gente não saber o que vai ser da Universidade no contexto de ataque frontal do governo à Universidade hoje, inclusive com ameaça de corte de salário, [...] quer dizer assusta isso tudo e assusta também você pensar que a Universidade não tem mais recurso pra continuar aberta, pra continuar oferecendo seus serviços, que tudo ta sendo feito... que nós estamos aqui continuando fazendo nosso trabalho, mas sem as condições necessárias pra isso, mas ta todo mundo se doando ali, ta todo mundo buscando manter o trabalho, manter a produção, atendendo os alunos, escrevendo seus artigos. [...]... e tudo isso é angustiante de você pensar que a Universidade pode fechar as portas a qualquer hora porque não tem condição de continuar, e o governo quer privatizar, entregar pra iniciativa privada e a melhor forma de fazer isso é esvaziando mesmo as condições dela continuar funcionando com recursos públicos, esvazia, esvazia, esvazia, esvazia, até chegar o momento de ter de recorrer pra iniciativa privada, começar a cobrar dos alunos, começar a vender projetos, enfim. E tudo isso pra gente que tem uma concepção de educação pública, gratuita e de qualidade social, isso angustia muito. (prof. 03).

A respeito da relação envelhecimento e julgamento social, Castilho (2011) fala sobre essa tendência em se estereotipar a velhice, o que, conseqüentemente, afeta o *envelhescente*, fazendo com que ele se preocupe em como será visto pela sociedade, ou mesmo passe a acreditar nos estereótipos, prejudicando sua autoestima.

Com relação à questão sobre qualidade de vida no envelhecimento, percebemos que os professores reconhecem a importância decuidados com a saúde, buscando minimizar os fatores de adoecimento tanto físico quanto psicológicos decorrentes das características do envelhecimento. No entanto, quando perguntamos se eles fazem alguma preparação para um envelhecimento saudável, três responderam que não, não cuidam com a devida atenção de sua saúde. Dos outros quatro, três responderam que se cuidam, mas apenas no quesito obrigatório, como cuidados intelectuais, ou seja, muitas leituras, ir a médicos e fazer *check-ups* anuais. Apenas uma professora respondeu que se prepara para um envelhecimento saudável. “Durmo bem, muitas vezes faço atividade física, me alimento bem, cuido automaticamente da minha pressão, da minha saúde, dos meus... nossa, da minha alimentação, me preparo muito para não pagar uma conta muito alta, totalmente, tenho muito cuidado” (prof. 07).

Assim, percebemos a necessidade de maiores esclarecimentos e incentivos acerca dos cuidados com a saúde para um envelhecimento saudável, pois o envelhecimento provoca

mudanças físicas, mas o momento de ocorrência e a extensão dessas mudanças depende do estilo de vida de cada um (PAPALIA, 2006).

Com intuito de maiores esclarecimentos, indagamos qual seria para eles o significado do envelhecer. De acordo com os professores (02 e05), esta é uma condição humana, um processo biológico inevitável. Para a professora (06), este é um momento de mudanças, tanto físicas quanto de ações, momento de diminuir a quantidade de trabalho. De acordo com a professora (03) este é um momento de amadurecimento de sentimentos, emoções, concepções e relacionamentos. Na concepção da professora (01) existem dois lados para serem observados nesse momento da vida,

[...] por um lado envelhecer é bom porque você continua vivendo, é... você tem outras é... A experiência te dar também um modo diferente de lidar com algumas coisas que você se estressava, ficava fadigado. Você lida melhor com algumas situações. De certo modo, envelhecer te dar mais liberdade de pensamento, mas como eu disse também tem o ponto negativo né? Porque a pessoa que envelhece na sociedade que nós temos ela é penalizada. Envelhecer é bom porque você continua vivo, mas envelhecer é ruim porque você não tem aquela beleza que você tinha quando você era mais novo. Muitas pessoas não conseguem entender que é um outro tipo de beleza, e as pessoas te discriminam, é... e não resta dúvida que o envelhecimento te traz alguns problemas de saúde.

A professora complementa sua resposta falando sobre como o trabalho pode influenciar no processo de envelhecimento, à medida que tira do sujeito o tempo para dedicar a si mesmo.

Com essa vida que nós temos aqui dentro da Universidade nós temos pouco tempo pra, pra, pra nos preparar para envelhecer, nós temos pouco tempo pra nós, porque como o volume de trabalho é muito grande as pessoas acham que você tem que trabalhar sábado, domingo, feriado, de manhã, de tarde, de noite. Então isso te dar muito pouco tempo pra cuidar de si, porque esse cuidar de si ele é diurno, porque a gente envelhece o tempo todo.

Para a professora (07),

Envelhecer é mais um ciclo na vida que tem suas perdas e seus ganhos, é uma grande novidade nesse mundo e que a gente... se a gente não aproveitar a vida intensamente não vai ser criança, não vai ser velho, vai ser uma pena, e é inevitável, por ser inevitável não pode se ignorar, não pode se perder de vista, tem que vivê-la, e outra coisa, não podemos ignorar a velhice desde a fase da infância, porque senão a gente vai pagar uma conta muito alta lá na velhice, achar que nós somos imortais[...].

Ao complementar sua resposta, a professora (07) reforça a importância de cuidados ao longo de toda a vida para um envelhecimento agradável,

[...] gente vai vivendo, vai vivendo e não vai acreditando que chega na velhice e é só ali, não, cuidados fundamentais durante todos os ciclos os da vida pra ter uma boa velhice são muito importantes, mas ninguém fala disso, ninguém gosta de comentar quê que é envelhecer e o quê que é morrer, aí quando chega nesse último ciclo da vida acha que ele é terrível, não é que ele seja terrível, ele vai se tornar horrível a partir do momento que eu o ignoro e só vou percebê-lo quando eu já estou nele, aí realmente ele vai ser... pode ser uma das piores fases da vida, mas se eu tomar consciência que ele vai acontecer e tomar vários cuidados preventivos ele pode ser muito bem vivido e totalmente agradável.

Nesse sentido, a professora (04), diz que tem mudado sua concepção de envelhecimento,

Depois que eu to na Pedagogia, depois que eu to na UMA minha visão de envelhecer mudou totalmente, tudo que eu penso é trabalhar minha cabeça, minha saúde pra envelhecer de forma diferente daqueles que eu vejo envelhecer na minha família, no meu entorno, por exemplo. Eu me espelho inclusive nos princípios de envelhecimento da UMA, né? Saudável, de educação ao longo da vida, educação permanente, e essa busca do movimento. Eu não tinha essa visão, antes agente ficava naquela, aposentar e descansar. Então minha visão mudou muito depois da... depois da Pedagogia.

Ao perguntarmos como eles acham que será sua velhice, as respostas, no geral, foram positivas, como veremos,

Minha velhice deve ser é...um tanto quanto normal, porque não vejo isso como um estresse e penso que na velhice vou ter condições de diminuir a carga de trabalho e de cansaço físico, portanto vou acompanhar esse processo de uma redução não só física mas também mental e emocional. (prof. 02)

Ah, eu ainda tenho tempo de... de redimensionar algumas coisas que poderiam vir a acontecer, então eu ainda acho... eu acho que será uma velhice com mais saúde e menos ansiedade, não com dinheiro, eu não ganhei muito até agora, então... mas eu acho que isso não é a garantia, né? Então eu acho que com saúde, com dignidade, mas também com consciência da importância desse momento. (prof. 04)

Eu pretendo que ela seja uma velhice, uma velhice... se for trabalhando... eu acho que a gente vai ta trabalhando ainda, uma velhice que eu possa me... que eu possa ter saúde, e realizado como pessoa, como profissional. Não vejo uma velhice com doenças, eu vejo uma velhice com saúde. (prof. 05)

Eu acho que eu terei uma velhice boa, embora eu me preocupo muito com o exercício físico, com a saúde, mas não pretendo deixar a pós-graduação, adoro dar aula na pós-graduação, adoro participar, adoro está sempre com os alunos. (prof. 06)

Eu quero vivê-la intensamente e fazer tudo que eu posso. Quero viver, quero dizer... Como eu estudo a velhice e sou um pouco mais despachada do que as outras pessoas, tenho esse privilegio de vivenciá-la, de degustá-la quero viver alegremente, sem preconceitos, sem muito senso crítico. As pessoas são muito enrustidas, são muito travadas e isso impede as pessoas até de ficarem velhas, até de serem velhas, elas querem ser idosas, elas ficam fotoshopando a velhice, eu não quero fotoshopar a

minha, eu quero vivê-la como... intensamente e não com tantos preconceitos como ela é vivida pela maioria dos velhos desse século. (prof. 07)

No entanto, há também, preocupação com o futuro, em especial, com relação ao envelhecer na profissão,

Então, eu já, já, já to envelhecendo, porque eu tenho 51 anos. Eu acho que a minha velhice não vai ser muito diferente do que eu vivo agora, eu sou uma pessoa que to envelhecendo, mas tenho uma cabeça muito jovem, isso eu tenho. Talvez a minha velhice não seja tão boa porque eu não tenho esse tempo necessário pra me preparar, eu não faço uma atividade física, a minha alimentação é saudável? é, minha alimentação é saudável, não como deveria ser, se a gente for pegar as orientações de uma vida saudável, mas é mais saudável do que de muitas pessoas. Mas então talvez o meu, meu estar velho fique comprometido por isso, porque eu precisaria fazer uma atividade física, eu precisaria ir mais aos médicos, e eu não tenho tempo pra isso. (prof. 01)

Eu acho que... não sei, eu diria que algum tempo atrás, há uns cinco anos atrás eu tinha uma perspectiva de envelhecimento, de como seria, eu planejava já isso, vou me aposentar, vou viajar, agora (risos...) eu já não sei mais, então agora eu já não sei até quando eu vou trabalhar, se eu vou poder me aposen... quando eu vou poder me aposentar, e se quando eu for me aposentar eu ainda vou ta em condições de fazer as coisas que eu gostaria, eu gostaria muito de viajar. Eu gosto muito de andar, de viajar, de conhecer culturas, de ver a forma como as pessoas fora daqui da nossa realidade vivem, eu gosto muito disso. E o meu ideal era esse, terminar... quando me aposentar os meninos, filhos já estão criados, todos cuidando da sua vida, eu ia viajar. Mas hoje eu não sei mais como vai ser. (prof. 03)

Assim, indagamos quais seriam os pontos positivos e negativos da velhice. Quanto aos pontos positivos, foram elencados: experiência, paciência, maturidade, autoconhecimento, liberdade de escolhas, independência financeira, calma, menos ansiedade, tempo para estudar e descansar. Os pontos negativos são: discriminação, redução da mobilidade, adoecimento, limitações físicas como diminuição da visão e aumento de gordura corporal, esquecimentos, e ainda o fato de que muitas coisas já não podem ser mudadas.

Com relação aos pontos negativos, percebemos uma tendência em destacar aspectos biológicos, mas colocando os como fatores de adoecimento. No entanto, esclarecemos que, “ter mudanças físicas não significa está doente, e mesmo que o corpo esteja mais fragilizado, é possível que tenha ocorrido uma adaptação do sujeito, conforme as mudanças foram acontecendo, de tal maneira que elas se tornem naturais.” (CASTILHO, 2011, p. 52). Assim, destacamos a importância de conhecimentos acerca do envelhecimento, e que esse se torne um assunto para ser discutido desde muito cedo, bem como uma preparação física e psicológica para um envelhecimento saudável.

Para concluir, perguntamos se havia algo mais a acrescentar à entrevista. Dois dos entrevistados disseram que não tinham nada a acrescentar, a professora (01) destacou a importância desta pesquisa,

Não... só que esse trabalho é um trabalho muito interessante, e é um trabalho que vai... eu acredito que os resultados vão nos ajudar tanto nesse processo de preparação pra velhice, eu acho que esse trabalho com os resultados ele pode nos ajudar a tentar enxergar o mundo da velhice de um modo diferente.

O professor (02) se ateu em explicar sobre sua concepção de *Burnout*,

O *Burnout* é uma doença que dependendo das condições de trabalho, do círculo de amizade ou do grupo de amigos e das tuas condições de vida ela não incide de forma severa e drástica sobre você, se você já não tem qualidade de vida além do cansaço físico e da idade aí ela se torna somativa e, portanto, um problema grave, levando a problemas crônicos de saúde.

A professora (03) falou sobre as crises sociais psicológicas atuais, como veremos,

[...] dizer que de fato a gente tá vivendo um contexto muito difícil, a aura, o espírito desse tempo que a gente vive hoje é adoecedor, ele tem causado muitas doenças em muita gente, algumas doenças são na alma, outras doenças são mesmo no corpo, outras são no caráter. Eu acho que a gente tá vivendo um tempo terrível, terrível, nem todo mundo tem uma estrutura é... uma estrutura emocional, uma estrutura que de conta de lidar com isso, tem gente que não dá conta, que surta mesmo, porque não consegue lidar com isso, às vezes eu penso isso, será que vou surtar, porque as vezes eu não quero ler, eu passo as vezes uma semana é... isso acontece assim periodicamente, eu não quero ver nada, eu não quero ver notícia, eu não quero abrir *watsapp*, eu não quero abrir *facebook* porque aí, eu só vou ver coisa ruim, eu só vou ver notícia ruim, aquilo vai me deprimindo assim, aí tem outra semana que eu já estou, não, eu quero participar, eu quero ver o que está acontecendo, eu fico puxa vida, eu acho que esse contexto ele é enlouquecedor, acho que a gente tem que ter muita força pra dar conta de viver ele.

As professoras (05) e (07) falaram sobre o envelhecimento,

[...] Que a gente consiga envelhecer de forma digna. (prof. 05)

Acredito que a velhice, ela seria muito bem vivenciada se ela fosse pensada com muito carinho na infância, gostaria muito que as crianças conversassem mais com seus velhos, cuidassem mais deles pra que pudessem respeitá-los, afim de que fossem respeitados mais tarde. A velhice deve ser pensada lá na infância pra que ela possa ser bem vivenciada quando ela estiver ativa na minha vida. E eu vendo sendo tão ignorado, vejo crianças com medo de velho e isso me assusta. Se as crianças hoje têm medo dos velhos é porque os velhos são sendo muito amargos, são sendo muito feios no sentido de rancores de dores e de maldades. Gostaria que os velhos envelhecessem muito mais doces com menos fel, pra que a gente pudesse viver intensamente esse ciclo da vida. (prof. 07).

Tais resultados apontam para a necessidade de um olhar mais atento para o trabalho do professor universitário, em especial, o professor *envelhescente*, público alvo desta pesquisa, tanto do ponto de vista social, institucional, governamental, quanto pessoal, com o intuito de minimizar os impactos das exigências da profissão na saúde deste profissional. Bem como salientamos, há necessidade de atenção do próprio professor com relação ao seu envelhecimento, pois como observado essa é uma etapa da vida com suas perdas e ganhos, cabendo a cada indivíduo um cuidado para que as perdas não sejam maiores que os ganhos, em especial, quando aliada as mudanças dessa etapa da vida com as exigências profissionais, que são por si só desgastantes, e se não forem bem administradas ao longo da vida podem desencadear estressores que levam a Síndrome de *Burnout*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar se os Professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar à Síndrome de *Burnout*. Assim, destacamos que a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo ratificaram a existência da Síndrome de *Burnout*, resultante do estresse laboral, aliado a falta de reconhecimento profissional, como baixos salários, carga de trabalho exorbitante, insegurança na manutenção de seus empregos, entre outros.

Constatamos que o trabalho do professor universitário, requer deste profissional um esforço muito grande, pois, ao mesmo tempo em que atua na sala de aula com alunos da graduação e dos programas de pós-graduação, ainda precisa orientar alunos, bem como produzir conhecimentos a partir de pesquisas e publicações científicas. Além de que, ele tem sua vida particular, filhos, cônjuges, pais, compromissos sociais e cuidados com a saúde.

Isso tudo faz com que este profissional muitas vezes precise se desdobrar para cumprir com tantas obrigações, uma vez que vivemos momentos de grandes avanços tecnológicos, o que poderia ser bom, mas na maioria das vezes acaba se tornando um fardo, pois, esse profissional já não consegue se desligar de seu trabalho. Quando aliado a isso há desvalorização, tanto social quanto financeira, o adoecimento físico e psíquico é eminente, surgindo a Síndrome de *Burnout*, uma doença que tem se destacado na categoria docente.

Em síntese, constatamos que estes professores *envelhescentes*, muitas vezes se percebem com características que podem levar ao *burnout*, principalmente quando observam a desvalorização social, política e econômica da categoria. Percebemos também, que o envelhecimento não é por si só um dos estressores desencadeantes desta síndrome, no entanto, se este envelhecimento não for vivido de forma coerente, com cuidados da saúde e da mente, pode sim, vir a se tornar um fator de adoecimento, visto que este é um momento que ocorrem muitas mudanças, tanto físicas/biológicas quanto sociais. As alterações físicas são visíveis, desde o nascimento, mas como cada um vivenciará este processo depende de seu contexto social e econômico.

Desta forma, destacamos a importância de mudanças por parte do Estado, das instituições e do próprio professor, para que se minimizem as consequências tanto das exigências do mercado de trabalho, que geram estressores desencadeantes do *burnout*, quanto das mudanças geradas pelo processo de envelhecimento, que são inevitáveis, mas não precisam ser adoecedoras.

Em assim sendo, nossa intenção é que esta pesquisa possa contribuir e servir de referência no fomentode possíveis alternativas, que possam minimizar esta situação de adoecimento de professores, em especial, dos professores universitários *envelhescentes*. Enfim, esta pesquisa não se encerra aqui, mas deixa espaços para novas investigações sobre temas tão relevantes como é o caso da Síndrome de *Burnout* e do envelhecimento humano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Danielle dos Santos. **O Envelhecimento e a importância da convivência social e familiar**: Estudo sobre um Grupo de Convivência na cidade de Cruz das Almas- Bahia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2014. Disponível em: [ufrb.edu.br > servicosocial > tccs > category > 7-tcc-2014-1](http://ufrb.edu.br/servicosocial/tccs/category/7-tcc-2014-1). Acesso em: 15 Jul. 2020.
- AULETE, Caldas. **Aulete de bolso**: dicionário da língua portuguesa. Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- ABICALIL, Carlos Augusto. Prefácio. CODO, Wanderley. **Educação**; carinho e trabalho. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.
- ANTUNES, Priscilla de Cesaro; Silva, Ana Márcia. Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, 2013. Disponível em: [revistas.pucsp.br > index.php > kairos > article > viewFile](http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile). Acesso em: 15 Jul. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2004. ISBN 972-44-1214-8.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**; tradução: Antônio Carlos Amador Pereira (e) Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo. Harper & Row do Brasil, 1977.
- BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa do nascimento à terceira idade**. Tradução Gabriela dos Santos Barbosa. 9. ed. Rio de Janeiro. LTC, 2017.
- BRASIL. **Estatuto do idoso**. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15 Jul. 2020.
- CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós Gerontologia** 13(2), ISSN 2176-901X, novembro: 75-89. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/5367/3847>. Acesso em: 15 Jul. 2020.
- CAPUZZO, Denise de Barros. **Elementos para a educação de pessoas velhas**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/676/1/DENISE%20DE%20BARROS%20CAPUZZO.pdf>. Acesso em: 15 Jul. 2020.
- CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de *Burnout* em Professores: Prevalência e Fatores Associados. São Leopoldo – RS. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Out-Dez 2011, Vol. 27 n. 4,

p. 403-410. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400003. Acesso em: 15 Jul. 2020.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. São Leopoldo – RS. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a03.pdf> . Acesso em: 15 Jul. 2020.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de burnout e características de cargo em professores universitários. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 145-162, dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572004000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2020.

CASTILHO, Renata dos Santos. **Estética e envelhecimento**: representação da imagem para mulheres envelhescentes. Pontifca Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2011. Disponível em: 15 Jul. 2020.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é Burnout ? In: CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône; VERDAN, Cláudia S. Importância social do trabalho. In: CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

COOPER, Cary L. A natureza mutante do trabalho: o novo contrato psicológico e os estressores associados. In: ROSSI, Maria; PERREWÉ, Pamela L.; SAUTER, Steven L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho**: perspectivas atuais da saúde ocupacional. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

CORRÊA, Luis Álvaro dos Santos. **Síndrome de Burnout**: um estudo com docentes de Universidade Pública do Maranhão. Dissertação Mestrado Profissional em Administração. Pedro Leopoldo. FPL, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572003000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 Jul. 2020.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: Revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005. Acesso em: 15 Jul. 2020.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo. Cortez. Oboré. 1992.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de;. Emoção, saúde e docência no ensino superior: reflexões sob a perspectiva histórico-cultural. In: FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de; VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes (Orgs.). **Vigotski no Ensino Superior**: concepção e práticas de inclusão. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2020.

FREITAS, Soraia Napoleão; COSTA, Leandra Costa da. Vida Adulta e Envelhecimento: Reconhecendo direitos e possibilidades de viver com dignidade através do Estatuto do Idoso. In: FERREIRA, Anderson Jackle (et alorgs). **Educação e envelhecimento**. Dados eletrônicos. – EdiPUCRS. Porto Alegre, 2012.

FRIGOTTO, Galdêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Galdêncio; CIAVATTA, Maria (orgs). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Denise; FERREIRA, Anderson Jackle. Aprendizagem digital de Idosos: Um novo desafio. In: FERREIRA, Anderson Jackle (et alorgs). **Educação e envelhecimento**. Dados eletrônicos. EdIPUCRS. Porto Alegre, 2012.

LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; LIMA-FILHO, Dario de Oliveira. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição, Vol 14**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul. 2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253>. Acesso em: 15 Jul. 2020.

LIMA, Carla Fernanda de; Oliveira, José Arimatés de; SILVA, Élideo Santiago da; EMÉRITO, Antonio de Pádua. **Avaliação Psicométrica do Maslach Burnout Inventory em profissionais de enfermagem**. II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Curitiba-PR. 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR156.pdf>. Acesso em: 15 Jul. 2020.

MACHADO, Cristiane Nervis Conrado; LUCAS, Michele Gaboardi. Aposentadoria: como professores vivenciam este momento? **ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas**. Volume VII - Número 02 - Mai/Jun/Jul/Ago São Paulo. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/32753/0>. Acesso em: 15 Jul. 2020.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. Trabalho, Pesquisa e Ensino: Tensões e desafios para a Docência no Ensino Superior. **Psicologia: Ensino & Formação**. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000100005. Acesso em: 15 Jul. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARTINES, Maria Guiomar de Simone. **O “morar” na velhice**: expectativas entre envelhescentes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programas de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12538/1/Maria%20Guiomar%20de%20Simone%20Martines.pdf>. Acesso em: 15 Jul. 2020.

MASLACH, Cristina. Entendendo o *burnout*. In: ROSSI, Maria; PERREWÉ, Pamela L.; SAUTER, Steven L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho**: perspectivas atuais da saúde ocupacional. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. O Envelhecimento Saudável: Educação, Saúde e Psicologia Positiva. In: FERREIRA, Anderson Jackle. **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre. EdIPUCRS, 2012. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/58864027-O-envelhecimento-saudavel-educacao-saude-e-psicologia-positiva.html>. Acesso em: 15 Jul. 2020.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. Trad. Daniel Bueno. 8 ed. Porto Alegre. Artmed, 2006.

PITTA, Marcos. Síndrome de *Burnout*: esgotamento profissional também é doença. In: **ComTempo**. 6 ed. 2019. Disponível em: <https://revistacomtempo.com/2019/07/28/sindrome-de-burnout-o-esgotamento-profissional-tambem-e-doenca/>. Acesso em: 26 Ago. 2019.

PRATA, Mário. **100 crônicas**. São Paulo. Cartaz Editorial, 1997. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nsn8n0x>. Acesso em: 26 Ago. 2019.

ROLDÃO, Flávia Diniz; JUNIOR, Ivan Carlos Cicarello; SCHWARZ, Juliana Corrêa; CAMARGO, Denise de. Reflexões sobre o trabalho do professor universitário: um olhar a partir da teoria de Vigotski. In: FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de; VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes (Orgs.). **Vigotski no Ensino Superior**: concepção e práticas de inclusão. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2020.

ROSSI, Maria; PERREWÉ, Pamela L.; SAUTER, Steven L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho**: perspectivas atuais da saúde ocupacional. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Velhice: uma questão Psico-Social. **Temas em Psicologia**. vol.2 n.2, Ribeirão Preto, 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200013. Acesso em: 13 Jul. 2019.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000400016&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 Jul. 2019.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232002000400021&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 Jul. 2019.

SORATTO, Lúcia; PINTO, Ricardo Magalhães. Burnout e carga mental no trabalho. In: CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

TAAM, Regina. Envelhecimento: desafios e possibilidades. **Acta Scientiarum. Humanand Social Sciences**. v. 34, n. 1. Maringá, 2012. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Envelhecimento%3A+desafios+e+possibilidades&rlz=1C1GCEA_enBR765BR765&oq=Envelhecimento%3A+desafios+e+possibilidades&aqs=chrome..69i57j69i58.1333j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 13 Jul. 2019.

ODELIUS; Catarina Cecília; RAMOS, Fernanda. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Senhor (a) para participar da pesquisa “Síndrome de *Burnout*: Percepções dos professores *envelhescentes* dos programas de Pós-Graduação” sob a responsabilidade da Professora Doutora Denise de Barros Capuzzo e da Acadêmica Keila de Sousa Leitão, a qual pretende identificar se os Professores da Universidade Federal do Tocantins do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar ao esgotamento mental. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de ampliação do conhecimento sobre o esgotamento mental em professores, e por ser um assunto de importância social, e não apenas acadêmico.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista que será realizada individualmente em uma sala privativa (Sala utilizada para estudos do Programa de Educação Tutorial – PETPed-Palmas), em um momento em que não esteja sendo utilizada pelos demais Petianos ou em outro ambiente, que seja mais confortável e de sua escolha, respeitando assim sua privacidade. A entrevista, com 13 perguntas, terá aproximadamente 40 minutos de duração e será gravada por meio de aparelho celular *Samsung J1*. Caso esse procedimento possa gerar algum constrangimento você não precisa realizá-lo.

Se você aceitar participar estará contribuindo para ampliação do conhecimento sobre a Síndrome de *Burnout* em professores, com o intuito de buscar possíveis alternativas que possam minimizar as situações de adoecimento desses profissionais, tendo como benefício a oportunidade de refletir sobre a sua atuação profissional.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são sensação de angústia e constrangimento em falar de seus sentimentos e problemas íntimos. Para minimizar estes riscos, informamos que você poderá pedir para pararmos ou retornar em outro momento. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase, seja antes ou depois da coleta de dados, independentemente motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão apresentados ao Senhor (a) por meio de relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável na Universidade Federal do Tocantins – Campus de Palmas, no curso de Pedagogia ou pelo telefone (63)98402-1610, email: keilaleitao6@gmail.com.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. O Comitê de Ética em Pesquisa em seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone (63) 3229-4023, pelo email cep_uft@uft.edu.br, ou Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio do Almojarifado, CEP-UFT 77001-090 - Palmas/TO. O (A) Sr (a) pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. O horário de atendimento do CEP é de segunda e terça das 14 às 17 horas e quarta e quinta das 9 às 12 horas.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo Sr (a), ficando uma via com cada um de nós.

Eu _____ fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa de minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso eu concordo em participar do projeto sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação nesse estudo e que posso sair quando quiser.

Local _____, (dia) _____, de (mês) _____, de (ano) _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Agradeço pela participação na pesquisa, respondendo esta entrevista, que tem por objetivo: Identificar se os Professores *envelhescentes* da Universidade Federal do Tocantins do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar à Síndrome de *Burnout*.

Solicito que seja o mais espontâneo e sincero possível em suas respostas.

Obrigada!

Dados Pessoais:

Idade _____ Sexo _____

Formação _____

Tempo de Serviço na docência _____

ENTREVISTA

- 1) Como é seu relacionamento com sua profissão?
- 2) Você costuma se afastar do trabalho devido questões de saúde?
- 3) No seu entender, quais os principais motivos de afastamento dos professores do trabalho?
- 4) Já ouviu falar sobre Síndrome de Burnout?
- 5) Já se percebeu com alguma das características dessa Síndrome?
- 6) O que você acha das políticas públicas e da valorização do professor?
- 7) Em sua opinião, como é visto o professor que, diante de possíveis doenças, tem um afastamento prolongado do trabalho (mais de 6 meses)?
- 8) Você imagina que o as mudanças geradas pelo processo de envelhecimento podem de alguma forma colaborar com o aumento das características dessa Síndrome?
- 9) Para você, qual o significado do envelhecer?
- 10) Como você acha que será sua velhice?
- 11) Você faz alguma preparação para um envelhecimento saudável?
- 12) Quais seriam, para você, os pontos positivos da velhice? E os negativos?
- 13) Há algo mais que queira acrescentar à entrevista?

ANEXO

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA (CEP) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS (UFT)

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Síndrome de Burnout: Percepção de professores envelhecidos dos programas de pós-graduação

Pesquisador: DENISE DE BARROS CAPUZZO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12092119.1.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.452.123

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com professores envelhecidos (com mais de 45 e menos de 60 anos de idade) da Universidade Federal do Tocantins, atuantes nos Programas de Pós-Graduação Acadêmico e Profissional. Com o intuito de identificar se os professores na sua atuação profissional se percebem diante das características que podem levar a Síndrome de Burnout.

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Identificar se os Professores envelhecidos da Universidade Federal do Tocantins do curso de Pedagogia, atuantes nos Programas de Pós-Graduação em Educação Acadêmico e Profissional, se percebem diante das características que podem levar à Síndrome de Burnout.

Específicos

Conceituar a Síndrome de Burnout e como ela se apresenta em professores.

Caracterizar o processo de envelhecimento e suas alterações físicas, psíquicas e sociais a partir do 45 anos de idade.

Compreender como o professor percebe seu processo de envelhecimento e as características de uma possível síndrome de Burnout diante das exigências da sua profissão.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 3.452.123

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são sensação de angústia e constrangimento em falar de seus sentimentos e problemas íntimos.

Benefícios:

Ampliação do conhecimento sobre a Síndrome de Burnout em professores, com o intuito de buscar possíveis alternativas que possam minimizar as situações de adoecimento desses profissionais, tendo como benefício a oportunidade de refletir sobre a sua atuação profissional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui relevância social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão em conformidade com o CEP;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo atendeu as solicitações feitas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_P ROJETO_1298212.pdf	28/08/2019 21:11:47		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	28/08/2019 21:10:29	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Outros	Carta_Resposta.docx	28/08/2019 20:35:37	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_corrigido.docx	28/08/2019 20:21:44	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proj_pesq_novo_corrigido.docx	28/08/2019 20:20:35	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	aut_reitor.pdf	22/03/2019 15:12:08	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Declaração de	dec_pesq.pdf	08/03/2019	KEILA DE SOUSA	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 3.452.123

Pesquisadores	dec_pesq.pdf	17:59:20	LEITAO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	dec_inst.pdf	08/03/2019 17:56:40	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	term_assent.docx	08/03/2019 17:37:05	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proj_pesq.docx	08/03/2019 17:18:22	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	08/03/2019 15:59:57	KEILA DE SOUSA LEITAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 12 de Julho de 2019

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep_uf@uft.edu.br